

O Fado, samba e o projeto Kalunga.

O Fado é uma forma de vida - "Silêncio que se vai cantar o fado!". As luzes baixam de intensidade. As conversas tornam-se sussurros. O guitarrista dedilha acordes. A Fadista aclara a garganta. De súbito, com garra lança o som para o espaço, ganhando a atenção da plateia. A música, em dueto da guitarra e da viola segue a voz e o ritmo.

Canta-se a saudade. "A alma dum povo" em forma de poesia No final, com a sensibilidade à flor da pele, os aplausos irrompem no espaço. Há Tigre...! Grita-se.

A experiência do fado é uma estranha forma de vida.

Classificado Património Cultural Imaterial da Humanidade, em 2011, o Fado é hoje simultaneamente uma expressão cultural, com uma gramática e narrativa própria, que a individualiza e um produto turístico vendido como expressão duma especificidade nacional.

Como narrativa, o fado está referenciado desde meados do século XIX como uma forma de expressão da cultura urbana. Através do canto sintetizam-se os problemas, os anseios, os sonhos e as sensibilidades. Para a cristalização da sua mitologia, contribuem os clássicos elementos de espaço de diálogo ente comunidades. Diálogos marginais entre grupos sociais diferenciado, entre formas de poderes, géneros e culturas. Espaços marginais a

partir dos quais de processam as ligações no tecidos social.

A sua gramática cristaliza-se em torno da intensidade dramática. O fado conta uma história. Uma história de intensidade crescente. De aventura e desventura. Fala, intensamente da felicidade, dos amores e do quotidiano. Atinge um clímax, um desenlace numa tragédia, numa fatalidade, na concretização dum destino. Um destino vivido intensamente com paixão. Mas esta gramática está em construção. Procuram-se hoje novos diálogos com outras expressões populares. Da Morna de Cabo Verde aos Blues e os Gospel de raízes africanas, a gramática universaliza-se, buscando raízes e reconexões aos ritmos da modernidade.

Um dos aspetos menos trabalhado na relação do fado com as formas culturais contemporâneas é a profunda ligação do Fado com os movimentos sociais. A sua condição de proximidade ao quotidiano, à vida e às experiências urbanas. A sua expressividade nas margens, pelos lugares escondidos fá-lo ultrapassar a função meramente reprodutora de valores estéticos, para se assumir como um expressão de inovação e reconhecimento social. Uma realidade visível pela poética que emerge nas sonoridades traduzindo experiências e utopias.

Estas reflexões entre o Fado e a sua injeção com o Samba são reflexões que fizemos a propósito do debate "Memória sobre o Projeto Kalunga, apresentado por Maurício Barros de Castro no 5º Congresso

Heranças Globais Memórias Locais

Europeu de Estudos Africanos, em junho em Lisboa, e posteriormente em Coimbra.

O projeto Kalunga é um projeto de investigação desenvolvido pelo autor e insere-se no trabalho do Museu Afro Digital Estação do Rio. A questão dos museus afro digitais e da sua missão de resgate das memórias e do esquecimento é um interessante desafio para a releitura das dinâmicas identitárias. No caso brasileiro é conhecida a demanda identitária que acompanha a formação da nação. O campo musical e da festa é um terreno fértil para pesquisar estas questões. O projeto Kalunga, uma iniciativa solidária dos músicos populares brasileiros, insere-se nessas dinâmicas. As várias correntes em confronto na MPB. Uma delas, a corrente tropicalista entronca na herança dos trabalhos de Mário e Oswald de Andrade, de Francisco Buarque de Holanda, que efetuam um rutura com os movimentos folcloristas.

Grosso modo, no final dos anos 60 um grupo de músicos após o festival o Festival de Música Popular realizado em 1967 pela TV Record, debaixo da influência do concretismo, agrupam-se num movimento conhecido por "Tropicália", onde efetuam ma proposta musical de fusão de diferentes influências, entre os quais se destacam o rock, a bossa nova, o baião, o samba, o bolero. Nas letras, sente-se também a influência do tempo, com a poética a apresentar visões críticas da sociedades e os quotidianos das cidades. A diversidade do movimento é grande e nem todos +podem ser identificados com os protestos dos movimentos sociais que na época contestavam a ditadura brasileira. Também o uso das guitarras elétricas levou à crítica de uns em relação à perda do "purismo" tradicional da MPB. Caetano Veloso, Gilberto Gil, Torquato Neto, Tom Zé, Jorge Bem, Gal Gosta, Maria Betânia e Milton Nascimento são alguns dos nomes deste movimento.

Paralelamente, nos anos sessenta emerge o Movimento Black Power – O movimento negro. Esse movimento, no Brasil leva à procura à Matriz Identitária Africana. Kalunga, na língua Banta significa o Mar. O lugar da morte. Na mitologia Congo, o cruciforme que representa o mundo tem duas linhas. A horizontal e a Vertical. O mundo material e imaterial. O Kalunga é a intersecção entre as duas linhas. O lugar onde o material e imaterial se ligam.

O projeto Kalunga surge então neste contexto pós-colonial, de profunda renovação na música brasileira, na procura de novas matrizes identitárias, ao mesmo tempo em que Angola se torna independente, uma independência reconhecida pelo Brasil. As relações pós-coloniais estruturam-se em torno de novos eixos, através da música, das literaturas, dos legados da história. Embora não existe uma unidade semiológica ente o Samba e o Semba de Angola, o projeto Kalunga permitiu recuperar essas relações.

O Barroco e a Festa

A questão do Samba e do Fado conduz-nos na busca de novos olhares de investigação com base na proposta metodológica da sociologia das ausências e da sociologia das emergências. Olhares que nos levam ao questionamento dos silêncios nos processos vividos. Poderá a questão do Fado e do Samba, como festa integrar-se numa proposta emancipatória.

Boaventura Sousa Santos em Critica da Razão Indolente (Santos, 2000) apresenta a proposta de aprender com o sul, com o barroco e com os espaços de fronteira. Aprender nos novos lugares da transição. Será o Fado e o Samba um espaço dessa constelação tópica proposta pelo autor. O nosso objetivo neste momento o de integrarmos reflexão sobre o Barroco na nossa reflexão a partir desta

proposta apresentada em "Os horizontes são humanos: da regulação à emancipação", onde o autor trabalha três topoi: O Sul, A fronteira e o Barroco (Santos, 2000, p. 305).

Dos dois elementos já nos debruçamos noutros lugares. Revejamos rapidamente a proposta do autor para a análise do elemento do Barroco como forma de expressão artística (Santos, 2000, p. 330). O Barroco como se sabe é uma forma de expressão artística que se constitui no sul da Europa no século XVII, como resposta à iconoclastia protestante e calvinista do norte da Europa, e que é posteriormente exportada para as colónias americanas e asiáticas. Uma excentricidade da modernidade.

O termo barroco é usado nesse livro como expressão metafórica duma forma de cultura capaz de ultrapassar os limites da forma para procura processos de emancipação social. Ou seja, segundo Sousa Santos, a excentricidade desta forma cultural que surge nos países periféricos do então centro (o Barroco manifesta-se em nos espaços do catolicismo, como relação ao movimento protestante, num momento em que a hegemonia do sistema mundo se desloca do mediterrâneo para o Norte a Centro da Europa). Como reação ao porque se reproduz em cada espaço de acordo com as especificidades de cada lugar, que se traduz na constituição de formas específicas desses mesmo lugares, apenas é possível devido á fragilidade dos centros de poder colonias. Ou seja é uma manifestação inversa da tendência hegemónica do centro. E é nesta asserção que o termo adquire significância no campo da análise da emancipação social no âmbito do paradigma emergente.

O Barroco em Walter Benjamin

No entanto, segundo esta abordagem, Sousa Santos esquece a dimensão do Barroco Alemão tratada

por Walter Benjamin em "A origem do drama barroco alemão" (Benjamin, 2004). Recordemos a teoria de Benjamin sobre a Teoria da Conhecimento que serve de base ao abordagem da Origem do Barroco Alemão: Escrito por Walter Benjamin em 1925, apresentado a concurso falhado na universidade de Frankfurt onde encontramos vários elementos da sua análise teórica que se prolongaram em várias das sua obras. É certo que a obra de Benjamin é fragmentada e elíptica. Este texto é denso e complexo. Nelo podemos encontrar- os rudimentos da sua Teoria Geral do conhecimento, aplicada à análise da Literatura da História e da Filosofia. Para Benjamin a teoria do conhecimento é uma conceção, uma epistemologia e uma metodologia.

Segundo Benjamin o caminho para o conhecimento é feito pelas representações. À distinção entre as ideias e as coisas permite entender esta diferenciação. Para Benjamin a ideia é um campo de tensão, um desvio da ordem universal, que é acessível através da sua representação. O conhecimento é um processo de representação de ideias. As ideias revelam-se através dos fenómenos (que é um desvio ou reflexo dessa ordem universal). Um fenómeno contem o todo. Como tal os fenómenos são acessíveis por representações e transportam ideias. O fenómeno é o que dá conteúdo á ideia e a ideia está presente na palavra. Não há portanto coisas fora das palavras. Nada pode existir sem que seja descrito pela palavra.

Empiricamente, no processo de análise dos fenómenos, justifica-se a criação dos conceitos como instrumento de mediação da representação. A representação concretiza-se em conceitos. O conceito, enquanto representação penetra no mundo das ideias. O conceito simultaneamente

Heranças Globais Memórias Locais

revela o conteúdo da ideia e representa-a.

O conceito nesse sentido é também uma função de mediação com o geral. Ele simultaneamente inclui a ideia e representa a redenção platônica (a representação alegórica).

Os conceitos, enquanto processos de representação das ideias, agrupam as suas formas em extremos. Incluem e excluem o que é e o que não é. Os conceitos operam a disjunção e produzem a associação. Através da disjunção é criado um intervalo. As ideias são elementos extremos desse intervalo. O que é e o que não é. As ideias constituem-se então como uma configuração de elementos. Os fenômenos, enquanto representação dessas ideias expressam as partes ou o todo desses elementos.

Segundo a proposta de Benjamim, a arte apresenta-se como um fenômeno. Expressa ideias que são representadas pela narrativa. O gênero artístico permite construir uma teoria das ideias. Em tese, esta é a proposta de Walter Benjamim, de analisar o Drama Barroco alemão como uma componente da Teoria das Ideias. O Transpiel, ou o espetáculo da tristeza como gênero artístico, o Barroco alemão representa uma ideia.

Na proposta de análise, está presente um método que procura a autonomia ideia. Um método de análise que procura por um lado isolar a autonomia do gênero artístico ao mesmo tempo que procura reconstruir a sua unidade significativa. Através da teoria do conhecimento proposta por Benjamim, utiliza-se o processo indutivo para agregar todas as obras para procurar o que é comum (o que está incluído como expressão de semelhança); ao mesmo tempo que utiliza o processo dedutivo para produzir uma classificação. A decomposição do todo (dos limites do intervalo) permite criar as regras de análise onde cada obra perde a sua especificidade individual e junta-se ao

universal. Através da análise da representação procura-se o fenômeno mediados pelos conceitos.

A localização e a identificação das ideias na Teoria do conhecimento de Benjamim, localiza-se na linguagem. A dimensão nomeadora da linguagem contém a ideia ao meso tempo que contem a função significativa e comunicativa. Assim, para além da função comunicativa e de produção de significados, aquilo a que poderíamos chamar função poética transporta uma essência original adâmico.

A palavra abraâmica é substantiva. A palavra criada é essencial. Após o pecado original (na religiões abraâmicas) a palavra torna-se verbo. O verbo articula o sistema de signos. A palavra, além de si relaciona-se com outras e produz processo comunicativos. Na comunicação o nome transforma-se na palavra. O nome da rosa de Umberto Eco é uma interessante analogia. Um imagem da árvore do conhecimento. O espinho e a rosa. A árvore como fonte do conhecimento .

Ora a partir desta constatação da linguagem que se constitui como um sistema de signos e significados a partir dos nomes (das ideias), a teoria das ideias deve procurar a sua anamnese. A sua dimensão perdida ou esquecida. Cada palavra, cada nome transporta uma tensão que é em si uma ideia original, primordial. Procurar a dimensão perdida na anamnese da palavra é procurar a relação dialética entre o nome e a palavra. O que afirma e o que exclui. O que evoca e o que esquece.

Da teoria das ideias emerge em Benjamim a Teoria do Barroco. Como já referimos, a teoria do Barroco como espetáculo da tristeza é o espetáculo do drama da humanidade. Do ser desprovido de si mesmo pela exuberância do mundo. O confronto do ser como elemento da natureza, perecível e transformável; com o ser como ideia, como algo imanente. Essa

ideia é dada no barroco pelo espetáculo. Pelo som, pelo movimento, pela exuberância das cores e das formas da natureza, que apelam para os sentidos primordiais. É nessa exuberância que se procura os caminhos. O labirinto é uma escolha. É uma procura dos caminhos do possível.

Há que ter em atenção que na teoria das Ideias de Benjamim, apresentada nesta análise do Barroco, há que fazer uma distinção entre origem e génese. Origem, em alemão Ursprung, significa um salto para algo de novo. Um processo onde emerge qualquer coisa de novo. Um salto qualitativo onde algo de novo emerge, libertando-se do vir a ser. Há assim um caminho natural, determinado pelas tensões internas dos fenómenos, e um caminho de inovação, libertado por essa tensão dialética.

A origem como algo que emerge é igualmente uma ideia que Benjamim utiliza na teoria da história, como algo latente que se liberta das forças de tensão. Um fluxo novo. De alguma forma a origem poderá associar-se a teoria estruturalista, como uma configuração que emerge, impondo-se como algo de singular. É nesse sentido que origem se distingue-se de génese, onde a associação é feita apenas por sequências ou afinidades temporais. A génese não permite analisar as ideias criadoras. A evolução cronológica apenas permite ver a sucessão do antes e do depois. O método da teoria da história de benjamim vai identificar que na origem do drama barroco alemão, não está a tragédia renascentista, mas os diálogos socráticos. É a partir dessa conclusão que é possível identificar o barroco como algo de novo, que emerge.

A filosofia da história seria sobretudo uma ciência das origens das configurações históricas. As suas ideias fundadoras. As ideias que transportam novas formas do olhar e do agir. Na teoria do Drama Barroco proposto por Benjamim defende-se que algo de novo

emerge. Que essa nova ideia é uma configuração organizada. Sem essa compreensão da sua unidade interna, os dramas barrocos não passam dum amontoado de fragmentos sem unidade.

Ora o Barroco constitui-se como um espetáculo de extremos. Há que procurar nas suas origens o que está por detrás das aparências. Perguntar onde é que está a imanência do ser e a sua transcendência. Na estrutura narrativa do Drama Barroco, analisado por Benjamim, há três tipos contantes. O príncipe, monarca que representa o Poder; o cortesão, que representa o processo, os caminhos possíveis da afirmação do poder; e o cenário, que representa o espaço onde se concretiza a ação, incluindo as forças da natureza e a vontade dos seres. A vida é sempre apresentada como imanência absoluta. O poder é algo de imanente, do qual não se pode fugir. A história é um espetáculo e a transcendência é um jogo de ilusões. O barroco é sobretudo um espetáculo dentro do espetáculo. Um jogo de espelhos onde tudo é fluido, onde o sofrimento faz parte da vida. A visão da história do Barroco é uma visão natural. Um campo de tensão fora da moral. É um campo de espelhos, um labirinto de vias. A escolha do labirinto é a tarefa de compromissos. Constelações de vontades em constante fluxo.

Esta teoria da história de Benjamim justifica o aspeto inovador do Barroco. Assim, se na idade média, a relação do ser humano com o mundo se baseava na transcendência. Transcendência que se concretizava na dissolução da cidade terrena na cidade de deus, de que santo Agostinho é referência; o Barroco, note-se que é ele é essencialmente uma resposta à Reforma, exclui esta transcendência, afirmando a imanência essencial do ser. O processo de salvação do ser é terreno e implica sofrimento. Implica sofrimento porque o homem faz parte da natureza. O destino do homem é

Heranças Globais Memórias Locais

natural e implica o sofrimento. A morte como sofrimento é natural. É essa experiência de sofrimento natural que permite a salvação. A experiência da natureza faz parte da história. E como experiência, a história é um labirinto de possibilidade, onde todos os caminhos se encontram na tragédia. Essa tragédia essencial é o fim. Ao ser humano cabe moderar esse destino. O papel da política é ser instância moderadora da tragédia.

Esta teoria da história do barroco reduz a história à natureza. Esta naturalização da história, a sua violência sentida na Europa da guerra dos trinta anos, permite a emergência da instância moderadora da política como local de regulação das paixões. Amansar ou domesticar a força da natureza com destino do ser.

Finalmente, na representação do Barroco analisada por Benjamim é importante entender o papel da alegoria. O barroco é essencialmente uma técnica da alegoria. De fazer uma coisa passar por outra. A própria ideia dos jogos de espelhos já tem implícita a ideia da alegoria. A natureza selvagem pode ser confrontada como a história como destino. Sendo a morte o último e seguro destino final da vida. A natureza no barroco é um mundo de destruição. A alegoria no barroco conduz à sucessiva destruição das ideias. Cada ponto de partida, dissolve-se rapidamente. A instância política, no momento em que estabelece um compromisso, é simultaneamente o momento em que esse compromisso se dissolve. A significação do Barroco dissolve-se na sua própria alegoria. Uma alegoria que se pode representar na política pelo absolutismo.

O poder absoluto é o que concentra tudo. Esse poder, na sua essência é, alegoricamente, igual à força da natureza. Por isso é necessário mediar esse poder absoluto por instâncias mediadoras. O drama do barroco é que a cada momento, cada instância mediadora se dissolve, dando

origem a outras estâncias. A linguagem torna-se portanto um exercício de significações.

Através do processo de procura de significações, o Barroco vai criando um processo de conhecimento. Um conhecimento que é sempre fluido, incompleto. A linguagem e a palavra são elas próprias um instrumento de criação de saber original, ao mesmo tempo que medeiam a força destrutiva da natureza. A história torna-se também ele num processo de significação da natureza. Através da história procura-se a redenção. A linguagem procura fixar o património, criando sucessivas alegorias sobre o seu significado.

O significado da alegoria, no barroco e fora dele, é sempre ele próprio uma ilusão. O alegorista tem consciência dessa ilusão. Tem consciência desse pecado original. Assim, é através da alegoria que se conhece o pecado original. Em suma na Teoria do Conhecimento de Benjamim o Barroco é uma conceção do mundo. Algo que dá uma orientação.

O Barroco, a Festa em Boaventura
Sousa Santos

Para Boaventura Sousa Santos, na sua análise apresentada na obra (Santos, 2000) o Barroco é uma metáfora de algo aberto, inacabado. O espaço barroco é um sinónimo metafórico da criatividade das margens em relação ao centro. E é essa criatividade inovadora que Boaventura Sousa Santos procura para exemplificar, como em termos sociais, a organização social deverá criar alternativas às formas hegemónicas da globalização.

É certo que o Barroco se constitui também como uma forma de afirmação do poder. Um poder fraco, diluído, mas um poder hegemónico. Mas será esse modo de afirmação que servirá de suporte às ações emancipatórias que mais tarde surgirão nesses espaços. Assim, segundo o autor, o Barroco constituirá a base das narrativas

nacionalistas com que os países da América enfrentarão os poderes coloniais.

Mas a metáfora tem também um outro alcance, que o autor procura salientar. Sendo uma expressão cultural que se manifesta pela exuberância da forma, sugerindo a sua incompletude, propiciando a diversidade dos olhares e dos pontos de vista, o barroco exemplifica a incompletude da forma e abre caminho a interrogação, à busca de alternativas e a novas formas de expresso. Assim, continuando pelo discurso metafórico, o paradigma sociopolítico emergente deverá ser encontrado nas margens do sistema hegemônico. Estamos portanto praticamente a prenciar a emergência das epistemologias do Sul.

Mas antes disso, interessa ainda explorar a metáfora barroca na relação da forma como representação do real. O barroco procura a ilusão e a aparência. O barroco procura a subjetividade da aparência. Captar a transcendência pela pluralidade das formas. O contrário portanto da objetividade do conhecimento científico, que procura a delimitação do objeto. A forma barroca é uma forma transitiva. Uma forma que estimula a criatividade do olhar. A dificuldade em definir os limites, uma das características da pintura barroca permite dissimular as transições. As formas misturam-se, fundem-se criando sombras passíveis de ser elas próprias outras formas que se revelam nessa mistura. Anuncia-se assim a emergência de novas formas de organização e ação social pela mistura de formas existentes. O novo paradigma emergirá das velhas formas. Ele estará já em formação nessas formas de organização atual. Importa portanto afinar os instrumentos de análise para os capturar. Uma captura de algo que está movimento, algo que ainda é fluído.

Um derradeiro elemento que o autor salienta em relação ao Barroco como forma cultural, é a presença da

festa como primeiro elemento das modernas culturas de massa. A festa barroca é uma festa ritualizada, ensaiada, com fortes investimentos sociais para uma vivência fulminante. A festa barroca, tais como os eventos contemporâneos são fenômenos fugazes. Há um tempo e um espaço de concentração de energia, que é rápida e intensamente consumido. Mas é essa intensidade vivenciada que constitui o catalisador para as novas manifestações.

Ora esta metáfora aplicada à ação emancipatória permite facilmente entender que uma ação social que concentre uma determinada intensidade de movimento sociais emancipatórios criará um efeito de reprodução no tempo. A festa é de certa forma uma metáfora para a o fenômeno de catalisação da emancipação social. Ao contrário do cientista moderno, onde a investigação está separada da ação, a investigação do novo paradigma emergente não pode deixar de ser concebida na própria ação. Mais do que um comprometimento com a ação, a investigação constitui-se comum compromisso com a ação emancipatória.

Mas a festa barroca transporta igualmente uma componente de proximidade com a vida real. Quer o teatro, quer as formas burlescas, quer as manifestações profanas que ocorrem em paralelo com as festas religiosas, constituem como espelhos da vida. Os problemas retratados são os problemas vividos diretamente pelas comunidades. Os seus resultados são visíveis e imediato. É possível uma apropriação dessa realidade. Os movimentos sociais emancipatórios deverão também eles estar em sintonia com os problemas das comunidades. Deverão dar resultados concretos para os problemas vividos.

Tomando como exemplo a ação dramática é de salientar o efeito do riso. A comédia é uma manifestação dramática que emerge nos séculos XVI

Heranças Globais Memórias Locais

e XVII como espelho burlesco da sociedade, das suas personagens e das suas preocupações. Entre outras manifestações, como noutra local veremos, o riso constitui um espaço de reflexão sobre o si que as sociedades indolentes procuraram condicionar e cercear. A capacidade de rir de si mesmo é uma unidade de reconhecimento duma comunidade.

Como salienta Boaventura Sousa Santos a partir dos trabalhos de Max Weber, o riso é ostracizado pela ética capitalista. Ao desencantamento das sociedades modernas, contrapõe a festa do movimento emancipatório. Na tradição das festas operária, a transição paradigmática também emerge no riso.

A última característica da festa barroca, para além da representação do real e do riso, é o efeito subversivo que se permite intuir. O carnaval barroco é uma manifestação subversiva. A transgressão e a inversão dos papéis sociais que o carnaval permite, conduzem quer ao reconhecimento de si, quer ao reconhecimento dos outros. A inversão das hierarquias, na festa e no carnaval é um passo para a experiência da inovação (também não é por acaso que o carnaval é um fenómeno mediterrâneo). Da inversão da hierarquias à vontade da experiência de mudança é um pequeno passo. A festa traduz-se dessa forma como um imenso potencial emancipatório a explorar pela ação social. Uma ação que é primeiramente experimentada e vivenciada pela estética e pela ética do prazer.

Como ler esta abordagem de Boaventura Sousa Santos a partir da Teoria do Conhecimento de Benjamin é um interessante desafio.

Solaris - Fly TAP From Lis-SP

Voo TP 83 para São Paulo. Estou a 31 mil pés de altitude em rota de cruzeiro de 789 Km/h. Depois das vigas ao Porto, retomo as viagens. Passado os dias em Albufeira e na

Aldeia do Golfe em trabalhos de publicação, eis-me de novo em cima do Atlântico. O grande cenário o mar que flutua. Lembra-me o Solaris, divinalmente filmado por Andrei Tarkovsky em 1972. Os tripulantes da nave, estacionada por cima dum planeta liquido são influenciados pela sua memória. Encontram-se com a sua memória.

Aqui vou para São Paulo ao encontro da minha memória. Tinha pensado ir dando uns toques na apresentação, mas o PC pifou. Fiquei sem nada para fazer. Resta pensar. Pensar no que vou dizer. Peço emprestada uma caneta à hospedeira. Uma moça berbere, rosto anguloso, de grossa dentadura branca, tez bronzeada. Ameu lado um brasuca ressona. As janelas foram fechadas e o avião dorme estranhamente à uma hora. São todos uns meninos de coro.

Lembro-me dos silêncios de Vila Moura. A silencia que escutei na Ilha. Os sons da escravatura. Há locais em que os ritmos do mundo se transformaram. Ali, onde agora os veraneantes correm stressados á procura dos raios do sol, veraneantes que rodam sem cessar, sempre stressados, foi local onde os escravos rodaram incessantemente. Massacrado por esse sol inclemente que agora bronzeia. Restos que ficaram. Nas pedras e nas garrafas, dêz dezenas de garrafas consumidas em poucas horas. E eu ali no meio. Ali a ter a experiência do stress.

E ali tão perto, dessa miragem das gentes, a Barragem de Santa Clara. No Rio Mira, um rio perdido no Alentejo. Deserta. Sem gente. Um paraíso olvidado. Um hotel, um pequeno hotel fechado. Constrói-se de novo e não se cuida do que existe. Estranha centralidade esta criada pelo turismo. Há aqui qualquer coisa de errado nestas dinâmicas instaladas. Adiante

Deixei mais uma vez a Ana e os putos no aeroporto com aquele arzinho de cãesinhos abandonados. Atravesso

atlântico em direção a São Paulo. Não deixa de ser curioso como ao fim de cinco anos regresso. Reencontro-me com o princípio das coisas. Com aquela viagem ao mercado, numa tarde tropical, admoestado por uma chuva grossa, recolhido na lanchonete a descobrir a questão da viagem museológica. Desse momento inicial onde agarrei a ideia. Lembro-me como olhei de novo e regresso agora para falar do que encontrei. Do que descobri. Do que agarrei para criar de novo. De olhar, ou ter aprendido a olhar de diferentes maneiras. Como uma chuva tropical que caí e logo se limpa, o conhecimento é também assim. Irrompe, violento, inundo tudo. Depois passamos o tempo a por tudo em ordem. Encontramos afinal o que somos.

Lembro-me de outro momento, quando, de pé na areia na ilha, senti os sons da terra. Os sons que ecoavam nas pedras. A harmonia dos sons das gentes. Quanto encontramos uma harmonia nos sons do espaço e preenchemos a linha do tempo, encontramos uma chave. E uma chave é apenas uma forma de entrar. Um acesso a algo que está por detrás. Foi aí que consegui ultrapassar e entender esse silêncio. Assim como na memória há sempre um silêncio, Vários silêncios que trazem significados. Como diz Ricoeur, o ofício do historiador tem uma operação, do resgate da reminiscência. Dos três sujeitos da lembrança, o eu, os coletivos e os próximos, emerge a operação histórica que vai mais além.

A operação da História parte do documento. Trabalha sobre o documento procurando a sua explicação. Na busca dessa explicação está a necessidade de compreensão. Para a construção dessa compreensão está sempre a pergunta inicial. A escala de compreensão depende de múltiplos fatores. Entre eles a relevância do questionamento. O Historiador constrói a sua explicação como uma representação. Uma representação é

uma dialética entre o passado e o presente. Entre os tempo que atravessam o espaço. O trabalhar com os documentos implica trabalhar com diferentes escalas de narrativas. Entre Elias, a constância dos silêncios é uma das mais interessantes procuras.

É sobre essa interrogação primordial, a da condição histórica que cria uma especial relevância. O que é produzido para a história, o documento elaborado para memória futura, tal como a oralidade que reproduz a essência que deve ser reproduzida confronta-se com o esquecimento. O esquecimento é mais do que o silêncio. O esquecimento é uma escolha deliberada, ao passo que o silenciamento, podendo advir do silêncio é uma possibilidade de emergência. Finalmente levanta-se a questão do perdão.

O Perdão difícil. O perdão sobre a falta. A questão da culpa no pensamento ocidental, como momento inicial de escolha. A culpa não é uma condenação, mas uma escolha de caminho. A questão da escolha dum caminho trilhado na história só é possível de ser ultrapassado pelo perdão. Pelo reconhecimento do mal e pela vontade de desligar o ato do agente. Assumir o passado como ele foi, sem os esquecer, para que não de volte a repetir. Voltaremos a isso mais tarde.

A questão da escravatura como esquecimento entronca nesta questão. Boaventura Sousa Santos em Epistemologias do Sul afirma que o esquecimento do outro é antes de mais um esquecimento de nós próprios. A aldeia do Golfe. A aldeia Branca, decorada pelos relvados ingleses com os seus telhados de açoteias voltadas para o sol Casas alinhadas. Muretes alvos ao sol Um desenho urbano dos anos 70. Um desenho ultrapassado pela dinâmica do mercado turístico. Resiste através da sua associação de pequenos proprietários. Falta-lhe o restaurante e a piscina. Sobrevive com o rendimento

Heranças Globais Memórias Locais

extra. Reformado morgado de Vila Moura, das lágrimas vertidas transformado em paisagem turística. Antigo lugar de escravatura, novo espaço da escravatura moderna.

Passa no ecrã o filme "Stalcker" de Tarkovsky. Curioso, é a segundo encontro com o autor. Ter tempo para reproduzir os desejos não realizados. Dois homens, o professor e o escritor viagem, guiados pelo stalcker, ao interior da zona. No seu interior encontra-se uma câmara onde todos os desejos são realizados. Um filme que trabalha a natureza do mal. A memória do ser humano. A memória encontra-se no mar. O bem. A natureza esconde o mal.

De seguida vejo outro filme. "Uma lágrima de Luz" Os traços da Índia "The India Paintbrush" são margens da cor. São pequenos detalhes onde nos movemos. Sem ponta de ligação com os outros. São aquele que vivem nas margens. A memória é com um feixe de raios que nos atingem vindos do passado. Projetam-se no futuro em função do reflexo que lhe damos. A vida como possibilidades.

Chegado ao Hotel Sam Rafael, instalo-me no quarto. Desço e encontro-me com G para um jantar leve na praça. Passamos por uma imensa árvores-da-borracha com os seus longo ramos, exuberantes, estendendo-se sobre a praça. No meio, um general romano, um enigma nesta praça no Largo do Arouche. Passo por um ATM e levanto 40 Reais para as primeiras despesas. Entro num supermercado e compro uma garrafa de água. Regresso ao hotel e reparo que o Largo é um ponto de encontro colorido. Sento-me na praça, numa esplanada. Saboreio a musica e um Chopp. Sente-se um som de samba no ar. Na grelha estão salsichas a grelhar. É noite de sábado e amanhã é dia de folga para muita gente.

O esplendor do Barroco

Saio de manhã com G. Passamos pela Praça da Republica onde se encontra um mercado de oportunidades e apanhamos o metro para o centro da cidade. Compramos a meias uma serie de dez bilhetes para as viagens. Centro da cidade, com a sua sé. São Paulo é uma mistura colorida de diferentes olhares. A palavra que emerge é a diversidade. O verbo, é o que traz a mensagem. A luz que a palavra transporta é iluminada pelo verbo. A beleza da arte é mostrar a luz que incide sobre o objeto. A transparência da luz é um conceito interessante para desenvolver.

Atravessei o Largo da Luz com o povo agarrado a si mesmo. Uma humanidade que caio no deslumbramento do si. Agarrado aos poderes da química. Daí à entrada nas 100 gravuras de Salvador Dali desenhadas para a edição do Livro "Divina Comédia" de Dante Alighieri. O trabalho de mergulhar na profundidade o inferno, encontrar os vícios, vícios que estão dentro de si.

Acompanhado por Virgílio emerge no Purgatório. Um caminho para espiar os vícios. A procura do aperfeiçoamento moral. A análise do ser. A escolha do caminho e o enfrentamento dos desejos humanos. O Purgatório como caminho da revelação e do autoconhecimento. Finalmente o paraíso, acompanhado por Beatriz, onde as virtudes são recompensadas.

Escrevo estas palavras no diário sentado no Pátio do Colégio. O lugar fundador de São Paulo, fundado pelos Jesuítas nos idos de setecentos. A Igreja foi restaurada no século XX, em 1954 segundo está inscrito nas pedras. Aliás, todo o complexo foi alvo de sucessivos restauros, cada um deles contextualizado pela preocupações do tempo. O certo é de Manuel da Nóbrega e do padre Anchieta chegou até nós uma notável herança. A transformação em 1554, do Planalto de Pirantiniga,

entre os rios Tietê, Anhangabaú e Tamanduateí, com a anuência do cacique Tibiriçá, que comandava uma aldeia de guaianases nas proximidades, num barracão de Taipa é um espaço dinâmico que acompanha a história do Brasil. Destruído em 1759 aquando da expulsão dos jesuítas, a cidade permanece. Reconstruído acompanha hoje a cidade de São Paulo que se tornou uma megacidade. Agora na igreja assiste-se a uma liturgia dominicana. Canto sacro acompanha a celebração litúrgicas. Os á s clérigos recebem os crentes à porta. Acompanham a entrada e procuram criar uma comunidade de comunhão. Através do canto encontram um denominador comum. Através da voz humana procuram o eco do divino. Procuram, através da palavra divina a humanidade.

Terminado o almoço, visita às galerias do pário. Uma pequena exposição mostra, na cave, os habitantes do espaço de são Paulo. Espaço dedicado aos índios. No primeiro andar, arte sacra. Quadros e estatuetas. Há uma tradição paulista de pequenas estatuetas em madeira.

A Caminho do Parque do Irabaguera. Descida numa estação de metro e uma longa caminhada a pé. No parque está o museu Afro, dentro dum edifício do Óscar Niemeyer. O parque está cheio de gente. É domingo e todos procuram o ambiente fresco da natureza. Anda-se de patins, skate, bicicleta ou a pé. No palco um programa de música com Elis Regina. Quem não gosta leva a sua própria música. Os rappers formam pequenos grupos de improvisação. As esplanadas cheias de gente. As crianças comem sorvetes. Namorados passeio de mão dada. As pessoas dão beijos no meio da rua. Os namorados passeiam de mão dada debaixo das árvores. Plantas da amazónia. Plantas que deixa um cheiro adocicado no ar. A Poética do Cheiro como experiencia da cidade permite-nos sentir a felicidade e bem-estar.

Visita ao Museu de Arte Moderna. Um novo edifício, adaptado para um novo museu pela Universidade de São Paulo, também do traço do Niemeyer. Na cave os ramos da amazónia que crescem entre paredes. As fotografias dum cidade em progresso que se transforma todos os dias. A construção do projeto documentada na imagem tornada exposição. Esta fúria de documentar tudo e de tudo expor é um tormento.

Regresso de autocarro. Sente-se a corrente humana. Amanhã começa a conferência e é preciso preparar as coisas. Saio no Metro Republica e dirijo-me para o Hotel. No caminho, mais uma exposição "Crisálida"Um museu sobre a diversidade. Um património fotográfico, recolhido ao longo de dezenas de anos. Vou jantar ao MBP. Ali perto o povo dança samba.

Crisálidas

Sentados no grande auditório da Pinacoteca ouvimos a lição inaugural do I Simpósio de Pesquisa em Museologia. Luís Morales Moreno "Tendências do Pensamento Museológico na América Latina: A mediação cultural subalterna dos museus no Brasil, na Colômbia e no México".

A conferência trabalha o olhar museológico da contemporaneidade, a partir do conceito de subalternidade. Aquilo a que se chama a museologia subalterna, conceito que vem da análise do discurso como enunciado de poder, conforme as Literaturas subalternas. O autor propõe analisar as narrativas hegemónicas da representação histórica antropológica em alguns museus do Brasil, México e Colômbia a partir do olhar subalterno, na busca da sua desmontagem.

Segundo o autor, o enfoque subalterno consiste na procura dum outro olhar paradigmático (um dobradiça/bisagra) sobre o objeto museológico. Assim, aquele objeto que

Heranças Globais Memórias Locais

do lado do atlântico permite apresentar o exótico, o outro, nos museus americanos esses objetos são eles próprios e eles mesmos. Assim, se dum lado, hegemônico está o olhar sobre o outro; o olhar americano olha-o como histórico de si. Ora, esse olhar sobre esse objeto adquire a busca dos essencialismos e da mestiçagem, é importante para entender como o museu opera a transferência cultural sobre as formas, práticas e olhares.

Esta museologia subalterna vai assim produzir outras narrativas com base em tradições autóctones para além das genealogias europeias, fazendo emergir o outro. Esse foi um processo, que emerge na América latina a partir dos anos 70. Esta museologia subalterna, possível a partir da crise da museologia europeia, da Crise do objeto e da organização do museu como lugar do sagrado. Essa nova museologia, que procura não só novas formas de gestão, como também uma crítica à linguagem binária da exposição (o significado do objeto e o sentido do objeto), introduzindo a performatividade da linguagem, procurando fazer o objeto falar através de múltiplos canais sensoriais.

Morales, com o seu conceito de museologia subalterna, mais do que uma proposta teoria procura uma "ênfase específico, profundamente historiográfico e conceptual, sobre a maneira como as sociedades europeias e pós-coloniais adaptaram às suas estratégias comunicativas e aos seus interesses geopolíticos, a leitura do seu devir histórico e social". Desse modo, o discurso da museologia subalterna torna-se num discurso crítico, da herança nacionalista de cunho liberal e revolucionária, e num discurso de desconstrução das mitologias autoritárias e anti-democráticas. Uma narrativa que está presente numa encruzilhada face à construção da nacional. O museu histórico nacional deverá, segundo o autor ser um museu

aberto à globalidade. Uma nação para além da nação.

O ponto de partida do autor são os encontros entre a América e a Europa que produziram cruzamentos mestiços. Olhar esses cruzamentos a partir das suas narrativas hegemônicas permitiu encontrar numa primeira fase a reprodução dos dispositivos culturais das culturas europeias. Com o período do romantismo, um tardo romantismo, permitiu criar narrativas nacionais na América do Sul, tal como tinha sido proposto na Europa. No entanto, numa primeira diferença, esse mesmo romantismo vai introduzir uma diferença na raiz europeia ao procurar introduzir uma primeira visão americanista do mundo natural. A ideia da América como mundo surge em primeiro lugar a partir da especificidade da sua natureza. Da natureza, da ideia da natureza americana, como radicalmente diferente da natureza europeias, emerge numa segunda fase, a procura da especificidade através da arte. O homem americano é ele próprio produtor de arte. Através da arte e dos trabalhos da Antropologia (ver Franz Boas) é criada uma recriação da ideia da natureza americana. No México, por exemplo, em 1822 é criado o Museu Nacional do México com base numa coleção mineralógica, criada pelo Gabinete de História Natural de 1790).

A partir dos anos 10 do século XX o museu passa a incorporar os objetos das comunidades mexicanas. O museu passa a ser museu de História, Arqueologia e Etnografia, e as coleções de história natural passam para um novo espaço.

A partir dos anos 70 do século XX é incorporado no museu uma linguagem museal binária. O objeto é trabalho em termos do seu significado e do seu sentido. O museu é um espaço de legitimação dum narrativa. Um tema que é estabilizado em termos do enunciado genealógico, que se concretiza nas abordagens de

significado dadas pelos visitantes. Torna-se portanto necessário ampliar os processos de percepção.

De algum modo regista-se assim um enfrentamento entre diferentes escolas museológicas. Dum lado, a tradição anglo-saxónica, com o seu culto da intemporalidade do objeto e do culto da sua ancestralidade, do outro a tradição estruturalista da teoria da comunicação.

A construção do objeto mexicano é o resultado da aplicação duma ideia mexicana. O objeto museológico torna-se um objeto barroco, um objeto que se torna deslumbrante porque transporta diferentes narrativas. O objeto mexicano é um objeto imanente e transcendente. O objeto assume-se como um espelho das relações de poder. Um objeto é uma afirmação dum poder na comunidade que se concretiza em processo.

A partir dos anos 90 a nova história cultural de Roger Chartier opera uma rutura com as teorias mais formais dos objetos signos. Os objetos passam a ter um reflexo biográfico.

Ver a questão do objeto signo de Lévi-Strauss (43') A museologia como interdisciplinaridade. O pensamento selvagem e o pensamento mítico. Diferenciam-se pela sua especificidade em relação ao objeto.

Mediações (47') . A exploração do visível e do invisível. O grito como processo de libertação.

A memória e a linguagem (48') As novas narrativas e as novas mediações no século XXI. Compreender o museus como uma representação da memória. Nas narrativas sagradas são narradas história, nas narrativas profanas são representadas diferenças. Os museus como espaço sagrado e espaços profanos.

A museologia nas Américas (57') é uma museologia profana.

Outro olhar sobre a conferências
http://www.forumpermanente.org/event_pres/simp_sem/i-simposio-

pesquisa-em-
museologia/relatos/mediacao-cultural

Para não cair em generalizações a palestra estabeleceu uma comparação entre a história dos Museus de Colômbia, México e ses americanos, ess apontando as diferenças deles em relação à evolução dos estadunidenses e dos europeus. A ideia era trabalhar algumas questões relativas à representação cultural, histórica e, definitivamente, ao discurso nacional. A primeira diferença reside em que os museus da Europa ou dos Estados Unidos com muita frequência se aproximam das culturas latino-americanas a partir de um olhar exótico fazendo referências às artes primárias, enquanto que nos contextos nacionais os elementos mostrados fazem parte de uma procura do próprio: a proposta de Morales tenta ir além dos essencialismos e dos ícones de mestiçagem e hibridação que têm feito parte desses macrodiscursos identitários nacionais para usar a perspectiva subalterna. Essa proposta é um marco metodológico que pode abrir outra perspectiva crítica e um modelo do que Morales denomina como "Museologia Subalterna".

Para desenvolver seu argumento, o autor mostra como o nascimento e evolução do Museu está muito vinculado à modernidade e por isso à criação e consolidação das ciências. Eu gostaria acrescentar que a modernidade estabelece uma separação entre as ciências humanas e as naturais que, com certeza, vai ter um reflexo importante nos Museus, especialmente nos museus que constroem um olhar sobre outras culturas baseadas no positivismo ou no evolucionismo do século XIX. Uma vez que não se considerou que esses povos pudessem gerar conhecimento que afetasse as nossas estruturas epistemológicas, a leitura imediata era que só a partir do estudo do natural era possível que nos identificássemos com eles, por isso a antropologia transitava entre as

Heranças Globais Memórias Locais

ciências naturais, a literatura de viagens e as ciências humanas.

Para sua cartografia histórica Morales situou alguns pontos de encontro e diferenças entre os Museus da América Latina e os dos Estados Unidos. Só para citar alguns pontos-chave desse percurso, indicarei que os principais Museus da Colômbia, do Brasil e do México são criados nas primeiras décadas do século XIX. No Brasil nascem como parte da transferência imperial portuguesa. No México se separam dessa representação do império e o objeto etnográfico ocupa só um lugar secundário coincidindo com a profissionalização da antropologia do final de século XIX. Também no Brasil, no final do século, são abertos os Museus de Botânica, Zoologia e Mineralogia. Até princípios do século XX na Europa e nos Estados Unidos são instituições de criação de conhecimento e pesquisa, mas esse papel vai ser substituído pela academia, e segundo Morales a Universidade toma esse lugar transformando o Museu num espaço de representação, onde se colecionam raridades. É nesse momento que vai se quebrar a "mimesis inicial" dos museus latino-americanos com os europeus ou estadunidenses. Por exemplo, uma das características das instituições do Sul é o desenvolvimento precoce das pesquisas em educação, uma função do Museu que vai ser crucial a partir do século XIX e que no resto dos Museus do mundo só tomara importância muito depois.

Desde os anos 1970 as minorias étnicas começaram um trabalho de agenciamento político, e reclamam da fetichização dos objetos da etnografia. Alguns museus franceses começaram a trabalhar a representação de uma maneira performativa, enquanto que os anglo-saxões ficaram instalados numa historicidade imóvel que contradiz as dinâmicas sociais. Como já indiquei, a proposta de Morales, é finalmente a Museologia Subalterna, que tem um enfoque acadêmico pós-colonial, e

extra europeu que possa contar tudo o que ficou na sombra dos projetos científicos coloniais. Esse é um discurso que toma como ponto de partida a crítica ao nacionalismo. Pareceu-me muito acertado chamá-lo de Museu da descontinuidade, porque efetivamente esse tempo linear quebrado pode criar espaços para outros tempos, histórias e outras formas de conhecimento que afetem a estrutura de legitimação "científica" do Museu, pois agora mesmo ele deveria ser um espaço de crítica do paradigma moderno. Essa era a proposta da genealogia de Foucault.

Foram dados vários passos nesse sentido durante o século XX, o encontro de 1946 do ICOM depois da segunda Guerra Mundial abre um caminho de debate; em 1972 a UNESCO realiza uma mesa de trabalho para falar do Museu de América Latina durante a qual o Chile apresentou sua ideia de Museu Integral, que o situa como mais um movimento social superando o caráter elitista das coleções. O México propôs um Museu de extramuros, mas que recebeu algumas críticas por ser mais parecido como uma museologia populista que não desconstruía uma visão hegemônica. Ele defendia outra modernidade baseada no barroquismo ou no maravilhoso que terminam por se transformar em ícones do discurso nacional. Entre 1972 e 1989 deu-se uma crise da visão racionalista museográfica, a visão do público se problematiza, os museus de história começam a se ver como "museus de si próprios". Com o fim da Guerra Fria, a crise da metodologia histórica estruturalista, os estudos culturais e os New Cultural History, ocorrem também mudanças importantes, aparece a voz da descontinuidade temporal dos centro-europeus. Começa a ser mais explícito que nunca que a história de uma coleção é a história do poder. O estudo do objeto começa também a se desenvolver, mostrando como ele desafia a linguagem. Na Europa e nos

Estados Unidos se começa a falar da história das representações.

A pergunta principal de Morales é: qual seria a função da museologia na memória pós-colonial da América Latina? Uma museologia da subalternidade mostra uma história das hierarquias, da historicidade e dos espaços de poder.

Acredito que a proposta de um Museu subalterno é muito oportuna nesse momento, e é um passo que vai além das questões que têm ocupado a maioria do espaço sobre a pesquisa em Museus. Desde meu ponto de vista a pergunta formulada por Morales pode encontrar uma resposta na literatura pós-colonial latino-americana. Poderia ter sido muito vantajoso para sua argumentação um encontro dos amplos conhecimentos do palestrante em Museus com a teorização pós-colonial e subalternista, que tem sido desenvolvida nos últimos anos no Sul americano, mas que ele não incluiu em sua apresentação. O encontro com o trabalho de Enrique Dussel ou das Epistemologias do Sul de Boaventura de Sousa Santos, por exemplo, que poderia ter fornecido algumas ferramentas metodológicas ao argumento de Morales: nesses dois casos (Dussel e de Sousa Santos) o ponto de partida é uma reconstrução da história e dos valores modernos partindo da posição do oprimido, esse espaço de outros conhecimentos nos permitem reaprender os nossos espaços do saber, reestruturar e superar essa antiga separação entre as ciências naturais e as sociais herdadas que, como anotei acima, foi uma das bases da formação da Modernidade. Falar do oprimido, ou do Sul como espaço de enunciação, poderia ter ajudado também a reflexão de Morales a ir um pouco além dos termos anglo-saxões como subalterno, e da literatura do norte, envolveria incorporar uma tradição de pensamento latina e latino-americana.

Outro assunto que eu acredito ser chave para essa discussão e que gostaria de acrescentar aqui é o papel da curadoria, do display dos objetos para apresentar essa "história da representação da história". Nesse sentido, parece-me que a curadoria de arte contemporânea e mesmo os artistas desde os anos setenta têm propostas críticas muito mais frutíferas do que a Museologia ainda quer reconhecer e que poderia repensar seus discursos nacionais. A arte contemporânea e a curadoria, que em si mesma é um espaço subalternizado para as ciências, pode ser sem dúvida um lugar de mediação para a reparação.

Enfrentamento contemporâneo

O primeiro dia de seminário terminou. Após o almoço fiz a minha intervenção. A primeira sessão após a abertura. Durante a apresentação da introdução, os vários cursos de museologia ficou bastante claro as várias tensões na da museologia de Brasil. As pequenas guerras de poder. Também parece bastante claro que a Universidade de São Paulo está a ser feito um trabalho metódico de formação. Um trabalho que assenta na investigação feita. Em pequenos passos que vão consolidando um caminho. Vai-se construindo um compromisso. As várias apresentações mostram, através dos discursos, o que oferecem. A Baía percebe-se algumas fraquezas. A Rio, onde parece existir alguma experiência, com alegria. Em São Paulo, sentiu-se o rigor. Um retrato, talvez parcial, mas que pode ser o do país.

Alias, é interessante observar o que se passa na cidade. As exposições de São Paulo são outras esquinas. Em cada local há um diálogo com a Modernidade. Como Disse Inês Montovani, os mega problemas da cidade são novos tipos de problema para a museologia. Através dos

Heranças Globais Memórias Locais

percursos que a cada esquina podem ser observados, as diferentes redes de influencia atuam de forma diferenciada. As redes de conexão. A museologia nas mega cidades é uma museologia envolvida em redes de conexão. O museu é um espaço que se adapta à captação de redes de conexão.

Terminou o dia. Um passeio pela Praça da Republica deixa observar um outro lado da vida na cidade. Ao longo do dia são diferentes os que utilizam a praça. Acabamos numa conversa num pequeno bar ao ar livre. Dum lado uma banda de semba. As gentes dançavam. As mulheres remexiam as ancas roliças. Desafiavam com o olhar. De tempos a tempos um jovem lançava-se para o meio da pista. Convidava a seguir o ritmo. Fazia-se uma dança de sedução. Imagens da sedução nos museus. É interessante entender como o exercício da sedução se apresenta como um exercício cultural.

Ao ar livre, com ambiente de música, corpos que se entregam ao ritual da sedução. Bem diferente do espaço fechado, onde os corpos se entregam à sedução dos objetos. A sociedade de consumo é uma sociedade de sedução a partir da feitização da mercadoria. Retira-se da natureza o ritmo, o odor a sensação para se devolver como consumo, como objeto de consumo, em perfume, em músicas em sensações de cores e formas. Enfim, maneiras de estar no mundo. É necessário enfrentar esse mundo para tornar o museu como espaço de questionamento.

Interrogo-me sobre o sentido destas apresentações. Falei da minha experiencia. Senti a tensão. Em pouco minutos esgota-se a fala. Afinal todos temos um tempo para falar. Um tempo ansiado que se esgota rapidamente.

Dia 4 de setembro A linguagem como expressão das tensões do mundo

A propósito da conferência de Wiliam Lopes Rosa, na Universidade Nacional da Colômbia. A questão da linguagem continua presente. Mikhail

Bakhtine e os seus diálogos com Dostoievski. O Romance como o caso da tragédia. A função carnavalesca da representação. O barroco, como algo de exuberante que emerge.

O museu e a educação na América Latina. A importância da república como proposta de ensino e de criação da autonomia no ser em oposição à questão europeia, em particular do afundamento das identidades após a segunda guerra mundial.

A análise do fenómeno do ocultamento das diferenças na América Latina.

Sete Cion – Os estudos sobre as exposições tecnológicas nos USA.

A Universidade da Colômbia, no Colégio de San Agustin tem on line cadernos de formação. http://www.colombiaaprende.edu.co/html/home/1592/articles-313597_reda.pdf

Qual é o medo de enfrentar o contemporâneo nos museus.

Olhar os problemas da poética em Dostoievski a partir de Bakhtine. As linguagens como expressão do poder. Os cercadinhos académicos das diferentes disciplinas que produzem narrativas fechadas.

Resistência

De novo sentado em frente ao cravo vermelho no memorial da resistência. A mulher que fala. Do cravo que lhe deu a esperança. A esperança de continuar a lutar. A luta continua. A memória também é feita de resistências.

Da parte da Tarde fui ao museu da língua portuguesa, em frente à estação Pinacoteca. Olhar a posição do narrador. Partir do presente. Do objeto como um processo dinâmico, plástico que se cria e recria constantemente. Há uma narrativa cronológica, que nos fala das origens, do processo cumulativo. Mas paralelamente, fala-se das palavras, da sua raiz e das formas

como são usadas para dar significados. Para dar sentidos. Usadas como pluralidades de significados. Sentidos. Orientação, mas também sensação. Percepção de algo que vem do exterior. Duma linguagem como algo de plástico que se vai ajustando no tempo, recebendo e dando diferentes influências.

A língua no Brasil como gênese portuguesa, com o contributo das línguas indígenas e dos africanos. A língua com sistema de poder conserva nos nomes das palavras os significados dos lugares com novos sentidos.

As frases feitas: a teoria do piolho, como algo que anda pela cabeça dos outros, sem acrescentar nada de novo. Algo que se alimenta dos outros. Todos temos uma forma piolho nas nossas bases.

Há noite encontramos-nos na Pizzaria Esperança. Localizada na Av. 13 de Maio 1004, no bairro do Bexiga. Uma pizzaria para comer uma boa piza depois dum dia de seminário na Pinacoteca. É interessante sentir que a Pinacoteca é um museu de Janelas Abertas.

Liberdade

A vida é uma hipótese. Segundo a teoria do pisca, a vida é algo que pisca. Pisca e mama, pisca e come, pisca e vai para a escola, pisca e cas, pisca e tem filho, pisca e morre. A vida é uma hipótese. Há que documentar o hiper link do objeto.

São Paulo é uma cidade onde se beija na rua. Acabamos o encontro e fomos com o David até ao largo da República. Acabamos a beber uns chopes e a ouvir música sertaneja. Comemos um pastel de carne com queijo é um alimento popular. Alimentação do quotidiano, vendido por tudo o que lanchonete, embora frito acaba por ser saboroso. Acompanhado dum suco de cana, pois no estabelecimento não havia licença para

bebidas alcoólicas. Feito de açúcar ralado com limão e gelo.

Conversamos num ambiente descontraído. A arquitetura da praça é anos setenta. Edifícios altos, com arcadas e grandes espaços interiores abertos. Cafés de restaurantes cheios de gente. Esta arquitetura urbana foi feita e pensada para o convívio. Ao fim da tarde a música ecoa pela cidade neste pequenos bares. As pessoas misturam-se no espaço. Usufruem do espaço urbano.

A cidade é um território aberto. A abertura do espaço tem uma correspondência com os marcadores do espaço. Por razões de segurança, sempre presentes em São Paulo, os vários fluxos de gentes são atentamente vigiados. Cada grupo vai encontrando os seus espaços. Convive-se em espaços vigiados por seguranças. Cada bar tem o seu sistema de segurança. A segurança está presente, discreta. As indústrias de seguranças são um negócio florescente. Não sei de que modo as gentes se misturam. Como é que a integração vertical é assegurada. Pela escola, pela cultura ou pelo dinheiro. Provavelmente pela conjugação das várias vias. No nosso bar, embora aberto ao espaço urbano, o seu uso é reservado ao seu tempo de utilização

Amanhã iremos ver os museus de emigração. Museu e Direitos Humanos.

Museus e memórias

Nos museus onde há fortes disputas de poder, a museologia encontra refúgio nos objetos. O objeto transforma-se num mapa falido e reserva-se à sua condição etnográfica. Há que recuperar a cultura de pesquisa nos museus. O exemplo dos museus nativos é um caso interessante para entender o modo como os discursos subalternos se vão densificando.

Há algumas semelhanças na cartografia da cidade. Há um

Heranças Globais Memórias Locais

crescimento do espaço sem ruturas de formas para que os diferentes tempos encontram correspondência as tipologia de construção. A cidade de São Paulo é hoje uma cidade de múltiplos centros. – quando se anda nela sente-se o fluxo das gentes. É inebriante estar no meio do movimento da massa. E interessante sentir os cheiros da cidade. As cores e os sons da São Paulo são um experiência inebriante. Há museus em todo o lago. No fórum permanente dos museus mostra-se essa atividade (<http://www.forumpermanente.org/>)

Os rio na margem da História.

Num interessante artigo no Fórum Permanente dos Museus afirma-se “A visão dos rios como fundamental elo territorial de abrangência continental é talvez a mais marcante dentre as ideias difundidas em sua introdução. É suscitada aí a compreensão do desenho dos rios e de sua existência como elementos de um sistema hídrico complexo, revelando sua importância como vínculo e subsistema dentro de uma rede de cidades americanas que de alguma forma viabilizam sua existência como tais. Buscou-se ainda lançar um olhar renovado para a dimensão da costa interior, tida usualmente em detrimento à costa atlântica no imaginário nacional. Exatamente nesse sentido o arquiteto retoma os significados possíveis para a palavra margem destacando entre eles, o da terceira margem de João Guimarães Rosa, e ainda o da costumeira expressão dar margem, que conteriam, intrínsecos a suas designações, um conteúdo em potencial, ou ainda, a ideia de acréscimo, superação.”

A questão da periferia e da subalternidade atravessa o discurso das ciências sociais. Naturalmente que a definição da periferia é feita em relação a um centro. Quem define então o

centro. Como se defina a periferia em relação a esse centro. Qual é a relação entre a teoria dos centros e as teorias económicas do sistema mundo? São tudo questões que ficam em aberto para discussão futura.

Encerrado o Simpósio tarde livre. Seguimos para o mercado de São Paulo. Um mercado grande, na base da colina, construído pela república para alimentar a grande cidade. Os vitrais na parede mostram a ligação da cidade e do campo. Uma ligação mítica entre a agricultura e a indústria com o comércio. O pastel de bacalhau é uma instituição. Com cebola em abundância, ao contrário do bolinho de bacalhau (o pastelinho português) acaba por ser um bocado enjoativo.

Passado mercado seguimos pela rua do comércio até ao centro. Não se pode dizer baixa, porque o centro fica no planalto. Daí em direção ao Bairro da Liberdade, o tradicional bairro Japonês. Entra-se no Bairro, por detrás da Igreja no Largo de João Mendes. Há mais rostos japoneses, nas ruas candeeiros japoneses marcam a diferença na organização da iluminação do espaço. Há restaurantes japoneses. No museu da imigração da comunidade japonesa estão as marcas duma memória vivida e reconstruída. Dos primeiros imigrantes, pobres, importado através do porto de Santo para as companhias do café, rapidamente se transformam em empresários. A segunda geração acolhe já conterrâneos que utiliza num pequena “revolução agrícola” que permite abastecer a cidade de produtos alimentares. Com a segunda guerra mundial, a ostracização de ser o outro. O retomar das memória na reconstrução industrial.

O memorial oscila entre a dupla identidade. A narrativa genealógica do mito original e o mito do empreendedorismo. O museu da imigração é afinal feito para salvaguardar a memória dessa comunidade. Rastear a imigração

japonesa afirmar a identidade e o valor da ação dos que tem poder na comunidade. A noite jantei sushi num centro comercial.

8 de setembro. Regresso

Arrumadas as malas, passeio pelas redondezas do hotel. Livraria Saraiva no centro comercial. Olhar a cidade e a sua construção. Sentir o movimento e os cheiros. Olhar os rostos das personagens. Guardar na memória os momentos vividos. A poética duma cidade. Viajar através dos sabores, dos cheiros, das memórias. As árvores da cidade constituem-se como uma proposta de descoberta do espaço urbano. Dos saberes do tempo. Dos poderes do tempo.

Regressar pelas esquinas de São Paulo. Olhar para as montras de chocolate. Ter a experiência de saborear um bombom de chocolate, deixa-lo derreter na boca enquanto se passeia pelas ruas. Uma experiência burguesa como diria um certo amigo que cá sei, numa cidade burguesa. São contrastes duma cidade. O barroco da América.

Os museus sentidos e vividos. Uma dança em torno de Moscovici e pela teoria das representações. Passo pelo hotel e recolha as malas. Melhor a mal, porque viajo com uma mala míni de cabine. Táxi para lá e espera de várias horas.

Estou sentado no avião, atravesso o atlântico de regresso. Observo as nuvens. São flocos de neves que se agregam e desagregam. Fluxo de ar que giram em torno da terra. De súbito lá no horizonte, a nascente uma bola vermelha. A aurora aproxima-se. Viajamos de janelas fechadas. Todos, em grupo de gente bem comportada. Eu espreitava a ver o que se passava lá fora. E por falar de grupos. Onde está o geral e o particular dos odores. A poética dos odores. Experiências sensitivas.

A coerência entre a análise do presente e a construção da vontade de futuro.

A coerência entre a análise do presente e a construção da vontade de futuro aplicam metodologia diferenciadas pelo que colocam questões em planos gnosiológicos diferentes. Haverá que resolver esta contradição no programa de trabalhos das heranças globais.

Sentado na esplanada do museu histórico nacional, depois de ter passado um para de horas à volta com a memória do povo brasileiro, reflito sobre as suas narrativas. Melhor, sobre as suas auto narrativas, uma vez que quem faz a narrativa sobre si mesmo costuma ser como que um juiz em causa própria. O discurso sobre o povo brasileiro é antigo, de José de Alencar e Mário de Andrade a Gilberto Freyre, passando por Darcy Ribeiro, há uma plêiade de intelectuais que criaram diversos discursos. O Índio, o Português e o Africano que produziram uma nação nova. Dessa variação de dosagem matricial emergem os nordestinos, os gaúchos, os sertanejos, os baianos, os cariocas. Enfim cada identidade vai-se afirmando a partir das especificidades da observação do narrador, das referências e objetivos desse mesmo narrador.

O campo de compreensão e de explicação de cada um dos narradores parte do seu presente. E esse presente. A preocupação sobre o tempo presente é influenciada pela vontade de transformação. O futuro como ação é nesta dimensão que se levante o problema da natureza do conhecimento. Trata-se de fenómenos diferentes, em que o presente (ou passado) é codificado em dados que se constituem como fluxos de energia que se observam, ou se crê observar, no presente por via da atribuição da valor à sua carga (simbólica). A observação do valor, é dada pelo ponto de partida e

Heranças Globais Memórias Locais

quiza da vontade de futuro. Ora o mundo, enquanto vontade e representação, é nesse domínio da ação, iminentemente político. Haverá portanto uma "ciência da política?"

Deixemos para depois esta questão e centremo-nos no problema do conhecimento ou nos planos gnosiológicos. Sabemos, pela filosofia que as formas do conhecimento humano se podem definir como sensíveis (os sentidos da visão, audição, gosto, olfato, tato). Como cada destes depende da ação dum órgão, haverá ainda de olhar para a conformidade dos dados que cada um fornece para ajustar a sua conformidade. Haverá portanto que adicionar a capacidade de intuir a partir de dados parciais.

Para a seleção da informação (dados) pertinente é importante a ativação da memória (nos seus diferentes planos, que permite mobilizar dados do passado obtidos em contextos similares. Uma outra capacidade primária inata do ser humano é a de representar a informação de forma diferente, de as combinar em soluções inovadoras. Imaginação ou fantasia são atributos essenciais à inovação.

A partir das representações ou como suporte dessas narrativas o conhecimento produz ideias. São conjuntos de representações, de validade universal ou de discriminação, que se constituem como dados singulares duma determinada realidade a partir dos quais processam considerações de ordem estética, ética, moral, religiosa, científica, etc.

Esses princípios gerais, leis, ou normas, ao contrário de resultarem dum processo de relação com o exterior, (com o ambiente) resultam duma elaboração reflexiva do próprio pensamento. Trata-se portanto dum conhecimento reflexivo que se constrói no processo de elaboração mental. Intelectual.

Em Aristóteles encontramos uma distinção entre três tipos de conhecimento intelectual: a ideia (um conceito), o juízo (um confronto entre duas ideias, onde uma é afirmada ou negada) e o raciocínio (um confronto entre dois juízos para chegar a uma conclusão).

Todas estas formas de pensamento exprimem-se através de diferentes formas e diferentes graus de complexidade. O pensamento exprime através de termos, preposições e argumentos e são expressos através de formas sensíveis (sons e movimentos) ou simbólicas (escrita ou desenho). O raciocínio aristotélico exprime-se por através da arte do silogismo, ou pensamento lógico, onde existem sempre três preposições. Duas são as premissas e a última é conclusão. (se $a=b$ e $b=c$, então $a=c$).

Regressemos então às nossas narrativas sobre a identidade brasileira sentados que estávamos no museu nacional. A manhã começou na praia do Flamengo. Atravessei os jardins do Catete. O Jardim é um micro-cosmos recriado pelo homem que reflete o que se passa à volta. Os cheiros, os ruídos, os movimentos duma cidade escondem-se e misturam-se. É um modo de começar a interrogar os ritmos da cidade. Senti uma cidade tranquila. Sentem-se várias tensões no ar, mais na zona central. A revolta dos estudantes e dos professores contra a falta de financiamento do sistema de ensino gerou forte contestação entre juventude. Vários grupos organizam-se para atacar bancos e instituições financeiras, olhadas como agentes ou símbolos duma sociedade desigual. São uma parte importante desta guerra que está em curso. Esta é uma premissa da análise. Estamos perante uma guerra civilizacional.

A revolta dos insurgentes contra a mercadoria mostra-nos um país em convulsão. Um país envolvido no Barroco. Trata-se portanto duma país em mudança onde os movimentos

sociais se orientam por ideias de construção coletiva. Esta é uma segunda premissa, de que o movimento social se assume como uma agregação de indivíduos em determinada direção.

O barroco como emergência dessa insurgência é um contraste com as narrativas do museu histórico nacional. Nele se falam sobre as memórias guardadas. Sobre as várias narrativas étnicas. Sobre as formas como o passado chega ao presente. Não fala sobre esse presente. Ora se os museus guardam memórias, também lhes dão sentidos. São essa as narrativas dos museus. Poderemos concluir que os espaços de memória apenas apresentam as narrativas do passado não assumindo as contradições do presente.

Vejam como é construída esta narrativa sobre a identidade brasileira no museu de histórico nacional. Com amplos recursos tecnológicos, a narrativa é apresentada com base numa linha histórica, desenvolvendo-se em circuito através dos quais vão surgindo os diferentes núcleos temáticos. A exposição principal, de longa duração, apresenta um interlúdio, sobre o edifício. O antigo palácio, conjunto arquitetônico inseridos no centro do Rio de Janeiro, adossado às primeiras estruturas defensivas da cidade, na baía de Guanabara. Uma narrativa apresentada através de painéis. Uma estátua equestre do Imperador Dom Pedro II de Francisco Manuel Chaves Pinheiro, um escultor romântico, integrante da Missão Francesa.

O circuito de exposição de longa duração inicia-se no primeiro piso, onde no grande salão do primeiro andar se apresenta o diferentes momentos do museus através de um filme. A exposição de artefactos apresenta-se na sala seguinte. Uma coleção de artefatos da pré-história brasileira. Os objetos mostram a presença e a ocupação humana na amazônia. De entre elas sobressaem os sambaquis,

uma palavra tupi que significa monte de moluscos, ou seja os concheiros do litoral. Algumas das representações pictóricas encontradas nas grutas e caverna, são reproduzidas em cenário virtual.

Ainda neste espaço expositivo ensaia-se uma narrativa sobre a "memória, impressões e expressões. Um texto intrepertativo de Anne Marie Pessis que sintetiza a abordagem sobre a memória social. Afirma a autora: "Antes da invenção da escrita, os acontecimentos relevantes da vida humana se guardavam na memória das comunidades por meio da comunicação oral. Os mais idosos passavam seus conhecimentos aos mais jovens, que fariam depois o mesmo com as gerações subseqüentes.

Para garantir a memória dessa transmissão e impedir o esquecimento dos eventos e do saber obtido pela experiência, recorria-se a atividades rituais. Organizavam-se diversos tipos de festas comemorativas e criavam-se objetos especiais, que diferiam dos utensílios usados no dia-a-dia da comunidade por sua beleza, às vezes extraordinária, e por uma apurada qualidade técnica. Tais objetos tornavam-se marcadores de memória, ajudavam a lembrar o passado e a manter a identidade de cada grupo. Por serem diferentes, tornavam-se únicos e simbólicos, e possibilitavam assim a associação das lembranças coletivas às histórias sobre acontecimentos, constituindo um acervo de explicações que representava a memória social.

A partir de certo momento, dentre esses procedimentos destinados a ativar a memória social, surgiu um de grande força evocativa, fruto da capacidade humana de representar graficamente uma narração. São as imagens realizadas sobre suportes corporais ou materiais, registro gestual da fugacidade dos eventos, que atravessaram milênios e se conservaram até nossos dias.

Heranças Globais Memórias Locais

De norte a sul do Brasil, existem centenas de sítios, cavernas e rochas a céu aberto onde se encontram esses sinais pictóricos, deixados pelo homem em diferentes épocas. As imagens das pinturas rupestres representando animais, objetos e figuras humanas – nem sempre reconhecíveis pela contemporaneidade – formam uma espécie própria de linguagem, diferente da escrita. Elas são a representação gráfica de suas crenças, de seus afazeres, de suas técnicas e de seu modo de convivência social.

Foi devido a essa capacidade do homem primitivo, de reproduzir graficamente o produto do pensamento e da imaginação através do desenho, que pôde constituir-se o acervo de pinturas e gravuras feitas em suportes rochosos, fontes de informações sobre um período longínquo da vida humana.

Na sala seguinte, mantém-se o conceito evolutivo, introduzindo-se a chegada dos invasores europeus, simbolicamente representada pelo quadro de Pedro Alvares Cabral no meio dos índios brasileiros. O conquistador é apresentado debaixo de um foco de luz solar, mostrando-se as imagens dos índios como uma massa obscurecida, que permanece na sombra da floresta. Curiosamente este novo ciclo inicia-se com a apresentação do "dono da terra". Uma abordagem mais antropológica sobre os índios da amazônia. Inicia-se com a apresentação dos estudos sobre os índios, desenvolvidos sobretudo a partir do século XX, através do estudos das comunidades sobreviventes. Apresenta-se ainda alguma preocupação social com a condição atual destas comunidades, que vivem nas periferias das grandes cidades. De seguida a exposição aborda a cosmogonia das comunidades ameríndias. O tempo, as formas de produção para a subsistência, da caça, da pesca e a agricultura, com a tradicional separação de género. Segue-se a arte da vida, onde se apresentam os modelos de

sociabilidade, as formas de organização e hierarquização social, as formas simbólicas de representação através dos adornos e das diferentes especializações funcionais. A arte da guerra, onde se apresentam as formas de defesa e agressão contra os outros, para além dos territórios. As formas rituais e as suas produções simbólicas, tais como os adornos e as pinturas surgem de seguida.

Cada secção é apresentada através dum painel explicativo onde se fornece a chave de interpretação dos objetos que de seguida são apresentados em vitrinas. Textos curtos, com cerca de mil caracteres, em português. Por exemplo, sobre os rituais escreve-se "Os rituais são geralmente meios de interagir com o outro e com o meio ambiente, seguindo determinada lógica tribal de participação em conjunto. Eles multiplicam as conexões associativas, ampliando os sentidos. Assim, há sempre alusões ao espírito coletivo, à comunhão. A pintura dos corpos, a utilização de máscaras, músicas, danças e diversas outras atividades que podem ser relacionadas a rituais indígenas brasileiros acontecem para manter o fluxo de energia. Alguns rituais procuram estabelecer conexões com o ecossistema.

Neles, os indivíduos tentam provocar fenômenos físicos como a chuva, incorporar espíritos de animais, obter a cura com a utilização da flora local nas cerimônias. Em outros, há uma conexão com o "mundo exterior", com o transcendental. Por isso, há cerimônias para reverenciar seus ancestrais, seus deuses e os espíritos guardiões. Os líderes que comandam os ritos têm papéis centrais na vida social dessas comunidades, pois são considerados conectores de uma experiência para outra, passagem marcada pelo ritual. Cada grupo, em cada tempo e espaço, desenvolveu diversos e específicos rituais que regulamentavam o seu viver em

conjunto. Cada texto temático é apresentado por especialistas de diferentes áreas e universidades, procurando que a apresentação seja também sobre a totalidade do território.

O ciclo expositivo que apresenta ainda os objetos de cerâmica e demais objetos de trabalho, produção essencial para a sobrevivência, os rituais de aprendizagem dos jovens, essenciais para o desempenho dos papéis sociais, e termina com a abordagem da morte, dos rituais fúnebres e da questão da antropofagia. A explicação sobre a antropofagia é dada pela lógica dos ciclos temporais e pela sua conexão às forças da vida e da natureza. Trata-se pois duma abordagem que observa a organização social do índio a partir dos registros do tempo e das suas estruturas. O conceito expositiva apresenta ainda muitas réplicas de homens e mulheres que atuam como ilustração que emergem ao longo do eixo expositivo.

De seguida apresentam-se os portugueses, pioneiros na ocupação do território, e os demais colonizadores, holandeses, franceses. A sala apresenta-se com uma composição sincrética de objetos de arte com o nome "Os portugueses no mundo". Apresenta-se uma descrição das tensões existente no mundo, as linhas de força dos processos de colonização das Américas e da relação deste novo mundo com o resto dos mares e terras do mundo. Desse período sobressai a ocupação do território. A implementação do sistema escravocrata com os seus engenhos de açúcar e o processo de importação de mão-de-obra escrava. De seguida.

Ensaia-se já aqui um esboço da "construção da nação". A ocupação do território e o sistema de relações que nele se estabelecem, seja por via do comércio, seja por via das diferentes ciclos de espacialização, dão consistência a formação da entidade política. Dessa forma o ciclo do café e a questão da presença da corte

portuguesa emergem como duas questões estruturantes da autonomia política, vista, ao modo novecentista, como um nova entidade nacional. Uma nova entidade que incorpora diferentes membros da comunidade em função de uma ação comum.

Esta economia do café e a religiosidade dos conquistadores sucedem-se as apresentações sobre os diferentes mundos. Diferente objetos, apresentados em vitrinas que ilustram diferentes modos de vida. Mundos que se vão reunindo nessa nação brasileira. Exposições didáticas. Explicações em painéis, legendas nos objetos. -Cada sala cada mudo. A emergência do exército, por exemplo, ganha força como corpo representante da nação já nas salas finais. São um elemento de explicação da construção do império. Esse mesmo exército que depois se dedica à construção da república. A entidade política debaixo da república é apresentada como a iniciadora da construção dos direitos civis e sociais. Com a segunda e terceira vaga de direitos entra-se no tempo contemporâneo.

O Brasil atual. O Brasil das lutas sociais. Dos grandes avanços na economia e na sociedade. Quase que poderíamos falar das batalhas da educação, pela saúde, pelo direito das mulheres e das minorias, dos negros e dos índios. Os direitos ao lazer, ao bem-estar. O museu apresenta uma visão da sociedade brasileira atual. Aponta um caminho em construção. Apresenta-se uma visão da sociedade e do país. Uma identidade política.

Vejamos como é que esta questão se relaciona com a questão identitária. Recordemos que estávamos aqui a elaborar sobre a questão da contradição entre os planos gnosiológicos entre a leitura o passado e a vontade de ação. Neste museu encontramos a presença desta contradição. A leitura do passado é aqui feita com base na leitura do presente.

Heranças Globais Memórias Locais

Se, como diz Boaventura Sousa Santos há duas contradições no sistema económico contemporâneo (Santos, 2013, 53): uma identificada por Marx, entre o capital e o trabalho; a outra identificada por Polany, onde se verifica que a lógica do capital reduz tudo à lógica de mercadoria. Ou seja, tudo, incluindo a natureza e a vida social é observada na lógica do mercado, como recursos reprodutíveis. Ora sabemos hoje que a natureza e a energia com base no carbono não é reprodutível à escala da história humana. Nem tão pouco, a vida social e individual é passível de ser tratada como um conjunto de recursos permanentemente disponíveis e estáveis.

A questão da identidade brasileira apresentada neste museu é passível de uma leitura narrativa construída sobre o presente. Sobre a intensa movimentação social e de exploração dos seus formidáveis recursos naturais dum país continente que aproveitou as diferentes vantagens da globalização.

Ao invés da impossibilidade do discurso narrativo em Portugal em produzir uma síntese sobre o seu presente, esta narrativa brasileira apresenta-se dotada duma grande vitalidade associando a dinâmica social à dinâmica económica. É certo que nesta dinâmica social estão ausentes as principais contradições da contemporaneidade. Aqui e ali fala-se da condição do índio, da integração do negro, do pobre e do marginal. Da favela e do subúrbio. Sempre na lógica dos problemas a resolver. Como possibilidade de ação. Como orientação da ação.

Em Portugal esta narrativa não se verifica porque a leitura da história está presa a concretização do passado. Essa impossibilidade de resolver o passado impede, como uma cortina de nevoeiro, de pensar o futuro. Pelo contrário, no Brasil é a criação do barroco que alimenta a narrativa.

Outros pensares

Trabalhamos sobre a questão da formação das identidades. As formas de narrar as identidades. Como sabemos os modos de narrar a identidade foram, no século XIX nas Américas e no século XX, na Ásia e na África, processo de afirmação cultural que sustentaram a construção da emancipação social. A construção das entidades políticas sul-americanas, com base no modelo Estado-nação, nas periferias da Europa Nacionalista, constrói estados multi-étnicos. Espaços de confrontação entre grupos a partir da qual são construídas as narrativas identitárias.

Como todas as construções sociais, as narrativas constroem-se e dissolvem-se, recontextualizam-se e reajustam-se aos dados do real. O confronto entre o "demos" e o "etnos", do confronto entre a consciência da diferença e da diversidade produz os elementos de conservação e de inovação. A dialética dos processos identitários assume assim diferentes formas e ajustam-se a diferentes conteúdos em função dos diferentes contextos.

Ora, a propósito desta fluidez na questão identitária, e a propósito da reflexão sobre as características barrocas e de fronteira da identidade portuguesa, Boaventura Sousa Santos, em "Modernidade, identidade e cultura de fronteira" (Santos, 2013, 137), afirma, a partir do manifesto da antropofagia de Oswald de Andrade, que a recusa a inicialidade genética, transportando o passado para o presente, permitindo um recomeço, funda o novo horizonte de possibilidade. Este apelo à redescoberta do que une o grupo implica a presentificação do outro e o conhecimento da posição a partir do qual se enuncia o discurso. É esse posicionamento que permite a apropriação seletiva e transformadora das heranças.

A cosmovisão do património oscila entre o uno e o todo. Entre aquilo que

sendo único representa o todo e entre aquilo que sendo todo representa a individualidade. A ação humana, o livre arbítrio, fundamentam e alicerçam desde o renascimento a base da ação dos indivíduos. “o humanismo renascentista é a primeira manifestação da subjetividade” Santos, 2013, 140) Entre o uno e o grupo, a “subjetividade individual” e a “subjetividade coletiva” postulam a necessidade de ler o mundo como uma “communitas”. A ação decorre num espaço delimitado, onde se inclui e exclui quem pertence ao grupo. Ou pelo menos, em que condições se pertence ao grupo.

A organização que ocupa esse espaço, no renascimento, é o Estado Nacional. Uma tentativa de recuperação da ideia da *communitas* medieval, defendida por Jean Jacques Rousseau em “o contrato social”. Um contrato em que cada membro duma comunidade coloca-se debaixo da “vontade geral” e onde cada membro é uma parte do todo, cabendo a todos a proteção de cada um. Com a vida em comunidade o indivíduo ultrapassa o seu estado natural e insere-se num estado civil. Uma ordem social. Essa ordem social é assegurada pelo estado. A questão da tensão entre a liberdade individual e a vontade coletiva, leva à questão da delimitação da soberania, num determinado espaço e num determinado território, que será uma das questões que chega à atualidade. A questão do uno e do todo, ou do contexto e da circunstância. O conflito entre a abstração da lei e a prática da lei.

A aplicação destes princípios na criação das modernas identidades dos grupos levou à afirmação dos processos circunstancialidade em prejuízo do de contexto. Ou seja levou à afirmação dos princípios abstratos das identidades, em detrimento das análises circunstâncias. O princípio do Estado Civil defendido por Roseau, que se baseava no contrato social, na relação dinâmica entre o uno e o todo,

entre o geral e o específico, colapsa. Esse colapso permite os diferentes epistemicídios levados a cabo pelos europeus no mundo moderno. O método da colonização é a negação do outro, como indivíduo e como organização social.

Na formação das identidades modernas os fins justificam os meios. Da guerra justa, às práticas higienistas do estado, em nome do bem comum, abstratamente defendido pelo poder hegemónico, o indivíduo e a sua sociabilidade é arrastado para o interior dum turbilhão de violência.

Sendo certo que contra essa “racionalidade descontextualizada” (Santos, 2013, 144) foi contrariada pelos diferentes movimentos políticos (liberalismo/romantismo, marxismo/realismo. O Romantismo pela exacerbação do original e do específico e o marxismo pela organização do social pelo estado de acordo com modelos centrais. De acordo com a proposta teórica de Sousa Santa, o conflito entre regulação e emancipação levou, a que no marxismo essa tensão se desenvolve-se entre as classes. Essa radicação, que levou à confusão entre a classe operária e o partido, e entre este e o Estado, levou ao abandono das formas de mediação, que apesar de tudo, a social democracia e o capitalismo conseguiram manter, se não em todos os espaços, pelo menos em muitas formas de organização social, ainda também que nem sempre perfeitas.

A construção dos vínculos identitários, no romantismo vai verificar-se pela recontextualização de três vínculos, o vínculo étnico, o religioso e o natural; sendo que no marxismo se dá apenas pelo vínculo de classe. Todos esses vínculos acentuaram a dominação do indivíduo pelas formas de organização do estado. Progressivamente o Estado torna-se a entidade dominante na produção das identidades coletivas. Como diz Sousa Santos “sob a égide do capitalismo, a

Heranças Globais Memórias Locais

modernidade deixou que as múltiplas identidades e os respectivos contextos intersubjetivos que as habitavam fossem reduzidos à lealdade terminal ao Estado, uma lealdade omnívora das possíveis lealdades alternativas” (Santos, 2013, 147). Um papel em que as ciências sociais, com Durkheim com as solidariedades mecânicas e orgânicas corporiza. Nos tempos mais recentes, a questão da análise da formação dos processos identitários parece deixar claro que estamos perante uma reconfiguração destes processos. Que eles se constituem como elementos integrantes das tensões entre regulação e emancipação, sendo que, como alternativas, no mundo económico, a regulação parece dispensar a tutela reguladora do Estado, emergindo formas alternativas de hegemonia de poder. Assistimos pois a uma reconfiguração dos processos identitários. Ou como diz Sousa Santos, “a recontextualização e a particularização das identidades e das práticas está a conduzir a uma reformulação das inter-relações entre os diferente vínculosatrás estabelecidos, nomeadamente entre o vínculo nacional classista, racial, étnico, e sexual” (Santos, 2013, 149).

Esta descontextualização e recontextualização dos processos identitários leva à compreensão mais profunda que de essa é uma componente do processo histórico, uma componente das tensões existentes na sociedade, representadas por atores e instituições. As identidades são socialmente construídas, tal como a memória é socialmente construída. O fato de se entenderem tensões emancipatórias entre os diferentes atores, entre essa pluralidade de representações e a pluralidade de vínculos é uma forma de reconstrução identitária. Importa pois olhar para a multiplicidade dos processos de comunicação que existem entre elas.

Como campo de concentração e negociação entre atores, o campo das identidades e das memórias está em permanente recontextualização. Assistimos à sua aceleração no tempo e à sua multiplicação no espaço. Tudo está simultaneamente em todo o lado e simultaneamente, não está em lado nenhum.

Pode ser útil olhar para a proposta metodológica de Sousa Santos como ponto de partida (Santos, 2013, 153): Olhar para cada cultura como um processo. Isto é nenhuma cultura é auto-contida e nenhuma é coincidente com os limites do Estado. Uma cultura é algo que está em reconfiguração e nenhuma cultura é coincidente com as unidades políticas do Estado. Em segundo lugar, nenhuma cultura é auto-contida mas também não é indiscriminadamente aberta. Tem aberturas, prolongamentos, interpenetrações e interviagens próprias que são as suas especificidades. Em terceiro lugar, a cultura dum grupo social não uma essência. Uma cultura é um auto criação, uma negociação entre indivíduos que constroem sentidos hegemónicos. Uma cultura, como trajetória, não é inseparável do tempo que a antecede, nem da vontade de ação dos seus membros.

Daí a relevância da análise das fronteiras.

A fronteira no Brasil

Regressando à questão da análise das fronteiras e da sua relevância a partir do caso da narrativa do museu histórico nacional do Rio de Janeiro. A narrativa está bem clara e atual. A construção da nação brasileira é um esforço coletivo. Na saída da exposição, um espelho apresenta a imagem de quem sai. Uma metáfora onde se apresenta cada um como construtor dessa história. Nesse sentido, a construção dessa nação foi um alargamento das fronteiras, um esforço

de afirmação de algo que continua. Algo que está em tensão com o tempo. Um fluxo que vindo do passado se procura projetar no futuro como possibilidade.

Também não deixa de ser curioso que essa modernidade expográfica seja apresentada através dos modernos instrumentos tecnológicos, mentando a relação com as formas expográficas centradas nos objetos. Espaços sem janelas, com espetáculo de luzes.

Vamos ver qual é essa correspondência com o que se passa no exterior. Sentado nos jardins do palácio do museu da Republica, agora perto da Praia do Flamingo, procuro dialogar entre o sítio do velho castelo de defesa, morro arrasado pela modernidade, palácio recuperado como memória, e o sítio deste museu, que cresceu na velha estrada que ligava às chácaras do café dos arredores da cidade, absorvido por essa cidade.

Qual é afinal o sentido destas narrativas. O que há de comum e de diferente entre o Museu Histórico e o Museu da Republica. Ambos os museus passaram por processos de renovação. O primeiro, mais intenso e completo, ainda com alguns sinais das velhas exposições (o pátio dos canhões ou o museu dos transportes), mas claramente em modernização nas novas exposições temporárias (a exposição sobre os jogos olímpicos). Este da Republica mais lento. Com os primeiros pisos ainda marcado pela sacralidade do espaço de casa museu, centrado no quarto de Getúlio. Nos últimos pisos a libertar tensões da modernidade. Caricaturas de pessoas nas escadas. O museu a procurar tomar conta do espaço. A aproveitar e a racionalizar o espaço na procura de outras linguagens e outros protagonistas. A convivência entre o espaço mítico e o espaço profano. A emergência duma república mítica, uma república minomianiana, duma museologia do afeto e do humor.

Por exemplo, a exposição sobre os presidentes, apresentada na galeria de exposições temporárias, onde se apresentam uma série de quadros dos retratos ou fotografias dos diversos presidentes, decorados com figuras do tempo. A novidade desta exposição é colocar, na linha do tempo as figuras de banda desenhada. Tudo em folhas A4, numa solução expográfica barata. A apresentação do Zeitgeist de cada época

De onde vem este conhecimento. Qual é a sua origem. Afinal de onde é que brotam estas ideias que nos surgem. Elas reproduzem os objetos externos à nossa mente, ou são criações da nossa imaginação. Não é um problema fácil. Teve ao longo dos anos diferentes propostas de abordagem.

A proposta platónica centra-se na convicção de que o conhecimento provém do objeto. Através das sensações ou do pensamento, o que se pensa vem do exterior do eu, do sujeito. Com cada objeto é único, a sua relação com o todo efetua-se nesse tal mundo ideal. A alma pode entrar em contacto com esse mundo das ideias. Um mundo de imaterialidade. Essa mesma alma, que ao corporizar, perde a sua ligação, mas mantém a reminiscência ou anamnesis dessa pertença original. O conhecimento é uma aproximação. Sempre imperfeita, sempre construída de sombras, como na alegoria da caverna, mas possível de ir desvelando.

Em Aristóteles, o conhecimento resulta do esforço do próprio sujeito. A mente elabora os dados da experiência e procura neles o que há de universal. A procura da essência ou da poética faz parte desse caminho

Os neo-platónicos, muito influenciados por Santo Agostinho vão manter essa relação de exterioridade entre o universal, exterior e o particular, com resultado das especificidades de cada um. A ideia de Deus, como ideia da perfeição,

Heranças Globais Memórias Locais

iluminadora dominará durante vários séculos o pensamento europeu.

A reforma do pensamento escolástico com Tomás de Aquino vai efetuar uma síntese entre o pensamento platônico e aristotélico. Ao relacionar a perfeição do universal, com a ideia da ação humana para elevação do espírito, desloca o centro da procura do pensamento da busca da imanência pela revelação, para a procura dessa essência pela experiência. A tensão entre razão e emoção marcará o conhecimento moderno. Descartes e Locke são disso um exemplo.

Com Kant procura-se a resolução entre ente conhecimento formado pela razão ou pela experiência. A síntese Kantiana, em que o conhecimento resulta da ação do sujeito sobre o objeto e do resultado dessa observação do objeto sobre o sujeito. O objeto provém da matéria. O sujeito adiciona a forma. A forma existe a priori e o objeto à posteriori. Nas categorias de conhecimento Kantiano, o espaço e o tempo são produção do intelecto, e existem à priori ao passo que as demais categorias - de qualidade (ser, não-ser, limite), de quantidade (unidade, multiplicidade, totalidade), de relação (acaso, causa-efeito e interação), e de modalidade (possibilidade/impossibilidade, realidade/irrealidade, necessidade/contigência) existem nos objetos e podem ser observadas. Dessa observação resultam juízos. Os juízos, são operações lógicas sobre a observação, que constituem o conhecimento científico válido. São efetuados a partir duma observação dum sujeito, num dado espaço e num dado tempo, sobre um objeto. Essa observação incide sobre a sua qualidade (juízo afirmativo, negativo ou indefinido), sobre a sua quantidade (singularidade, universalidade ou particularidade), sobre a sua relação (categórico, hipotético, disjuntivo), e problemáticos (juízos assertório e

apodícticos). Esta seria a gramática do conhecimento.

Como sabemos, Hegel procurará criticar esta filosofia crítica sobre o conhecimento transcendental na sua "Fenomenologia do Espírito". Antes de procurar a verdade da coisa em si mesma, é necessário um método sobre o que significa conhecer. O que é o conhecimento e como é que controlamos o seu acesso. Se o conhecimento conduz à verdade, à totalidade, como é que escolhemos e porque escolhemos o caminho. Pois sendo essa totalidade o absoluto, qualquer caminho serviria para lá cegar, e tal não acontece. Como assegurar que não há erro. Por outro lado, implicando a escolha uma intenção, como é que essa escolha poderá conduzir à totalidade. Ou seja a escolha não é o todo, mas apenas um meio para atingir o todo. Assim sendo, com resolver o paradoxo entre o fim o e meio. A dialética procura resolver esse impasse sobre a observação de objetos no espaço e no tempo, introduzindo essa relação do objeto transcendental com o processo dialético.

Haverá ainda outros desenvolvimentos na teoria do conhecimento, que noutras alturas abordaremos. Interessa-nos agora introduzir a questão do valor do conhecimento. O que é que vale o conhecimento e para que serve. Ou melhor como é que aferimos a veracidade do conhecimento. O conhecimento, tal como a memória social são conjuntos de informações aferida pela experiência. Experiências verdadeiras. Todavia, uma experiência verdadeira apenas o é num determinado contexto e circunstância. A forma como temo de confiar nas nossas experiências é não só assegurar que naquelas circunstâncias e naqueles contextos de verifica uma determinada dinâmica, como também devemos assegurar que, variando os contextos e as circunstâncias, a capacidade de conhecimento se matem válidas. A

dimensão da inovação do conhecimento implica não só o alargamento do seu campo como o seu aprofundamento multidimensional.

A validade o conhecimento implica portanto separar a sensação imediata, do esforço de racionalização, procurando as ideias. No entanto, as sensações são também elas uma forma de conhecimento. É através delas que recebemos os dados do mundo exterior, e é através delas que comunicamos com o mundo exterior e com os outros. Ou seja é esse confronto com do sujeito exterior, a resistência do mundo, que constitui a realidade.

Existe portanto uma dimensão onírica e uma dimensão social na produção do conhecimento. O valor do conhecimento emerge da sua adequação a esse real e o modo de o aferir é através da sua partilha social. Uma realidade que se traduz nos fenómenos. O valor do conhecimento emerge da análise dos fenómenos e a sua validade é demonstrada pela sua adequação.

Vejamos então o fenómeno do Brasil a partir das suas narrativas identitárias. A construção dessa narrativa identitária expressa a relação dos diferentes poderes sociais e adequa-se ao tempo da sua construção. Trata-se portanto dum discurso. Nós pretendemos ler para além dele. A partir dele e da observação da realidade, encontrar os fenómenos de mudança.

Leitura sobre a Cultura Barroca

No seu artigo sobre o regresso das identidades e globalização Boaventura Sousa Santos refere a questão das culturas de fronteira como espaços de análise de mudanças (Santos, 2013, 160). No tempo do regresso das identidades, do multiculturalismo, da transnacionalização, e das localizações as formas culturais de fronteira são as

mais adequadas para a análise dos fenómenos, pois estas alimentam-se de fluxos contraditórios que as atravessam. Diz Sousa Santos "A leveza das zonas de fronteira tornam-se muito sensíveis aos ventos. É como uma porta de vaivém, e como tal nunca está escancarada, nem nunca está fechada" (ibidem).

Ou seja para além do seu acentrismo e cosmopolitismo, a cultura de fronteira também tem algo de carnavalesco e de dramatização. São culturas que absorvem as formas sem se preocuparem com as essências. Reproduzem até à exuberância as estéticas e as éticas. São manifestações que se preocupam mais com a forma do que com o conteúdo. É certo que estas observações de Sousa Santos partem da forma cultural portuguesa. Mas aqui interessa-nos a sua segunda hipótese de trabalho (ibidem) em que estas formas culturais de fronteira, ainda que de forma diferenciadas, também se manifestam nos espaços lusófonos. A condição semiperiférica de Portugal produziu fenómenos coloniais imperfeitos. São também culturas acentricas e com tendência para a dramatização, que se misturam com outras influências que resultam dos seus processos sócias e políticos.

Vejamos como é que podemos fazer uma leitura da sociologia da cultura em relação a este passado, com base na apresentação de Renato Ortiz, feita na UFRJ a 10 de outubro, no seminário Arte, Cultura e Poder, organizado pela nossa amiga Myriam Santos.

A sociologia da cultura segundo Alfred Weber, um dos pais da sociologia da cultura, que escreve no início do século XX, traça uma narrativa da história desde o antigo Egito até tempo contemporâneo. No seu trabalho distingue a arte e a técnica, a cultura e a civilização, considerando que uma civilização é uma constelação de 4 sentidos.

Heranças Globais Memórias Locais

O primeiro é um território de sentido, que dispõe de uma autonomia relativa define a cultura, o é culto e o que é cultivado. Trata-se de um conjunto de qualidades que se exprimem de diferentes formas. Pode ser pela arte, musica pela representação, que se autonomiza em constelação.

A segunda constelação é que se assume-se assim como uma totalidade. Uma totalidade que agrega um espaço geográfico específico, assume uma determinada identidade, constituída no seio das tensões vividas pelos atores. As nações do século XIX são configurações culturais que tornam específicas (populares) as linguagens clássicas formadas nos séculos anteriores.

A terceira constelação, deriva da produção do sentido. Essa especificidade que deriva da ideia de totalidade está inserido numa linha de evolução. Assim, o mundo primitivo, estudado pela etnologia, seria um mundo sem sentidos, cíclico, o mundo duma civilização um mundo orientado.

A quarta configuração, é dada pela participação das massas. Uma cultura tem uma expressão coletiva. É vivida e recriada pelo conjunto social. No século XX, a racionalidade e o mercado vão assegurar que a ideia de cultura está vinculada aos processos de comunicação. Os bens e produtos culturais começam a ser produzidos e ser distribuídos em massa.

A sociologia da cultura tem vindo a trabalhar sobre estas diferentes configurações. A partir desta última configuração tem vindo a refletir-se sobre o lugar da técnica no mundo contemporâneo. A tecnologia já não este restrita ao espaço urbano. A tecnologia é hoje um meio e um instrumento fundamental da produção e no consumo dons bens culturais, nas relações sociais. Que implicações têm a tecnologia nas relações sociais. Se a tecnologia invada o campo da cultura, assistimos ao esbatimento da diferença

entre técnica e cultura. A escola de Frankfurt trabalha desde os anos trinta sobre esta questão. De alguma forma a ideia da oposição técnica como instrumento em oposição à cultura como meio de cultivo do espírito esbate-se e em alguns casos inverte-se, passando a tenica a constituir-se como o meio da difusão da cultura. Uma cultura de massas ou uma híper positividade da cultura.

Neste domínio o conceito de cultura de massas é interessante analisar. Massas enfatiza o ritmo de produção e consumo, quer em extensão, quer em quantidade. É um conceito difícil de operacionalizar no campo da cultura. A facilidade da sua distribuição implica uma inflexibilidade na sua produção, ao mesmo tempo que a oportunidade de preenchimento de nichos de mercado conduz à recusa da ideia de massa. A continua expansão dos mercados enquanto espaços de troca, com a sua dimensão global, com a monetarização da troca e com a aceleração da produção e consumo está a criar uma naturalização do mercado. O mercado torna-se na natureza. No espaço onde se concretizam as trocas.

O processo de globalização do mercado tem vindo a acentuar esta distinção entre cultura e natureza. Os bens culturais já não podem ser consumidos fora do mercado e o mercado assume um papel central nas trocas culturais. Ora, se o mercado está assente na globalização tecnológica a mundialização da cultura transporta três novos elementos de transformação da cultura. Umas, já acima a floramos. Os produtos culturais são agora produzidos para o mercado mundial. Mas esta mundialização também produz uma alteração de perção do espaço. Alteram-se as perções entre o que está perto e longe, do que é inteiro do que extenso, do que é nacional do que é estrangeira. O que vem de fora já não é estranho. Procura-se o outro e descua-se o vizinho. -Alteram-se as relações de proximidade a uma escala

global. Os vínculos ao outro alteram-se e o debate sobre as identidades transforma-se. O nacional deixou de estar subordinado às instituições de produção de cultura nacional. O Estado deixa de deter o monopólio dos mecanismos de produção cultural. O Estado deixa de produzir identidades.

A questão torna-se relevante para o debate, As estrutura de poder nacional caracterizavam-se por desenvolverem processos de legitimação, processo simbólicos e por processos estruturais. Como é que os novos poder globais de estão afirmar. Que símbolos apresentam, que legitimidades apresentam e que estruturas desenvolvem. A observação de como as culturas tradicionais estão a ser substituídas ou a transformar em culturas globais é um fenómeno interessante. Qual é a legitimidade da língua inglesa a afirmar-se com língua global. Como emergem as industria de Hollywood ou Bolywood. Como é as a Coca-cola e o MacDonald se estão a transformar em modos de vida globalizados.

Outra problemática relevante para a cultura, decorrente dos fenómenos de globalização, constitui-se nas questões do progresso. A ideia do progresso, que caracterizava a abordagem do social e a função da tecnologia altera-se. Se a tensão entre a tradição (uma temporalidade circular) e a modernidade (uma temporalidade linear) desaparecem, sempre com a superação pela modernidade. Essa superação, que levou a construção duma outra narrativa com base na natureza, que agora se opõe ao progresso, constitui uma outra grande narrativa que unifica os discursos sobre a modernidade. A quebra das linhas de tempo da modernidade, criando a diversificação dessa própria modernidade e das suas tradições irrompe como novas culturas, em oposição às culturas globais.

Esta alteração no interior da modernidade tem vindo a fazer emergir

a ideia da "gestão cultural" como nova ideia a aplicar à cultura. A cultura passa então a ser uma técnica, onde se aplicam as "políticas publicas culturais", atentos aos problemas dos públicos e da qualidade. A problemática da "gestão cultural" emerge com a racionalidade da cultura de massas, com as indústrias culturais. Esta racionalidade tem vindo a trazer para o discurso da cultura os temas dos discursos das empresas. Ela emerge na indústria cinematográfica nos anos setenta e alarga-se ao livro, à musica, ao teatro e às artes.

O objetivo duma política de gestão cultural é produzir eficazmente bens culturais para distribui-los com eficiência no mercado (nacional, e global). Esta racionalidade do mercado introduz nas políticas culturais novas racionalidade. Novas racionalidade políticas que levaram as políticas públicas, nos anos finais do século XX a olhar para a cultura como um mercado, que partindo do nacional se projeta no global. As políticas públicas culturais passam a ser espaços de gestão.

Se o Estado nacional se apropriou das expressões culturais para criar a cultura nacional, como é a esta cultura de estruturará na globalização. Por exemplo o folhetim, transforma-se em literatura, a pintura em fotografia, ao mesmo tempo que emergem novos meios de comunicação (radio, televisão, internet) que são num primeiro momento apropriados pelo estado, mas depois deixado livremente no mercado. Se sem cultura nacional não há estado nacional que tipo de formas culturais se constituem no mercado mundial.

As nações modernas tem vindo assistir a importantes transformações na esfera política. Transformações que acentuam o vínculo na consciência dos grupos através da busca de especificidade. O debate em torno das questões culturais não deixa de ser marcado per esta característica de algo que facilita a consciência. Uma consciência que fazer cultura é produzir

Heranças Globais Memórias Locais

uma narrativa de poder, que a cultura é um espaço de tensão e negociação social.

Os anos sessenta foram marcados por uma intensa reflexão sobre as questões culturais que transformaram a cultura como uma totalidade. O discurso sobre o corpo, por exemplo, é uma questão que emerge no calor dos debates. A consciência de que o corpo mara uma conotação política. No corpo estão também inscritos os sinais do poder. O corpo como lugar de identidades coletivas passa então a poder ser objetos de trabalho na esfera da cultura, Da busca de ruturas.

As questões sobre as identidades acabam pró transportar para o campo da cultura os discursos dobre as políticas públicas. Deixam de ser afirmações do coletivo, para incorporarem as dimensões da individualidade. O espaço público deixa de ser apenas um espaço coletivo mas também é vivido pela individualidade. A emergência das ideias de direitos culturais vem acentuar estas dinâmicas. Em suma, as transformações na esfera da cultura caracterizam-se por assumir múltiplas dimensões. A sociologia da cultura dá conta de múltiplas polaridades que integram diferentes contextos.

A vida como hipótese de êxtase

Jaime Ginzburg trabalha sobre literatura e violência. As situações limite exploradas como hipóteses narrativas. Trata-se de narrativas hipotéticas onde o excesso é trabalhado como um todo. Um todo de impossibilidade. Jaime Ginzburg trabalha sobre a forma com a realidade é entendida. O excesso é uma forma da compreensão do todo. Nas situações limite, de que forma é entendida a questão do todo. A compreensão do todo é elíptica. Revela-se nas situações limites como um todo no seu absurdo real. A análise do lugar dos discursos

sobre as situações limite é o seu tema de investigação. Qual é a fala daquele que está no lugar do escravo. Qual é a linguagem dum personagem que está no limite.

Nas estratégias de terror o êxtase é uma experiência do sagrado. Exige a compreensão do sagrado. Nessa compreensão, a experiência do transe é uma experiência de revelação. O trauma é o elemento de representação da experiência.

O êxtase é uma possessão. Uma ebulição interior. Um momento de contacto entre o sagrado e o profano. Um momento em que a ordem e a desordem se reencontram. No êxtase exprime-se uma emoção, um sentimento de imortalidade. O desejo é uma suspensão do consciente. Um momento de tensão interior. O êxtase acontece perante deus e o amor, ou nas situações limite. Produz um estado de felicidade máxima.

O momento do êxtase é no entanto um resultado processual. Implica um ritual. Uma iniciação. A situação do terror, o terror inicial. O medo é uma componente inicial da emoção do êxtase. Ele implica um renascimento. O momento iniciático é o momento da transformação. A mutilação e a criação de sinais corporais é parte da procura do êxtase. O êxtase e o desejo como condição imperativa, como exigência da consciência. O ritual do terror é voltado para o choque extremo. Há uma procura do ferir. De criar uma marca. A capacidade de cumprir o ritual é uma imagem da dimensão humana. Uma experiência de situação limite vivida como uma janela de entendimento sobre o si.

O estudo das situações limite, para além de permitir abrir as janelas de entendimento, também revelam que o passado não se explica completamente pelo presente.

Experiencia limite: A questão do esquecimento das línguas.

Rosana Kohl Bines do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade PUC - Rio apresentou a questão das Línguas da Infância na Narração da Morte. Aqui ficam algumas questões que retivemos

O desaparecimento das línguas como um campo de estudos da memória social. O esquecimento na psicologia social, em Freud e em Jung e Jakobson levantam questões interessantes.

Para Freud na sua linguagem da psicanálise, a diferença entre uma ideia inconsciente e uma ideia pré-consciente (um pensamento) resulta de que no primeiro caso o material de trabalho está oculto, enquanto no segundo caso se verificam representações verbais. Nomes que navegam perdidos como fragmentos mnésicos.

Na teoria de Freud, a mente é composta pelo Ego, superego e id: o núcleo do ego é o sistema das percepções, o id são as pulsões instintivas, o superego é o ideal do ego como representação do id perante o ego. As representações verbais têm como função converter os processos mentais interiores em percepções. O Ego é verbalizado pela fala. A linguagem torna-se assim uma forma (pulsão) instintiva (id), que convertem em ego quando (ou se) atingem o mundo exterior. O ideal do ego que, na qualidade de ideal, o limita e censura, só permite ao ego exteriorizar aquela parte do id que ele, superego seleciona previamente segundo os interesses do ideal a manter. Esse ideal é apresentado ao ego originário do mundo exterior. O mundo interior representa os dados exteriores ajustando-os aos seus desejos. Estamos perante uma situação de permanente tensão.

A linguagem como tensão do sujeito é um instrumento de trabalho

da psicanálise. O inconsciente é um campo de conflito. Uma margem. É nessa fronteira que se forma a categorização linguística.

Assim como através da linguagem, o psicanalista avalia o discurso do sujeito, uma fala enunciada pelo superego, que diz aquilo que quer, ou que acha, que seja ou deva ser ouvido; e um outro discurso, a do discurso inconsciente (o do id) onde se enunciam todas as percepções, acessíveis pela gestualidade, pela congruência dos discursos. O discurso transporta um conjunto de mensagens, onde a descoberta da adequação da sua motivação permite que os discursos de ajustem.

Ora se a descoberta da motivação faz entender a conduta dos sujeitos e a perturbação do discurso resulta da substituição simbólica da motivação inconsciente (que contem trauma ou situações reprimidas, o discurso enuncia as antinomias que existem no próprio sujeito, visíveis pela entre língua e discurso; e uma outra antinomia, visível pelo conteúdo e das rupturas do discurso, onde emergem o inconsciente. Através do conteúdo inconsciente deduz-se o simbolismo da linguagem inconsciente.

Como num jogo de espelhos, em cada história dum sujeito vislumbram outras histórias, que esclarecem a motivação. O esquecimento é uma dessas sintomáticas rupturas do discurso. Uma das margens

Através das linguagens do inconsciente (que seria a do sonho, a do mito e, parcialmente, a da poesia), aprende-se o caráter das coisas. As linguagens do inconsciente estão mais próximas da língua natural co-extensiva, através das quais se processa a aquisição dos padrões da cultura. Nas suas margens, a linguagem do inconsciente transporta a dimensão do universal. Do que tendo existido, continua a existir nas sombras do que é resolvido pela antinomia dos discursos. Através delas podemos

Heranças Globais Memórias Locais

aceder à natureza de coisa não-aprendida, e, portanto, universal, característica da linguagem do inconsciente.

Esta abordagem linguística do esquecimento revela que a linguagem é mais do que a produção de sons. Se a linguagem é a forma assumido por um conjunto de fonemas, associados a sons fonéticos e a conceitos, em situação de contexto, ela também revela o salto que é feito sobre o esquecimento. Os ecos da língua infantil, as lengas lengas como ecos do som inicial. Como seria esse som inicial que nada continha. O som inicial seria uma onomatopeia, um som sem valor de representação, ou seria um excluir. Um grito que continha todos os sons. Há que explorar estas ligações com os trabalhos de Dante Alighieri na sua teoria da linguagem. Como se sabe Dante inicia o movimento de uso das línguas vulgares como línguas de comunicação. Falta ver a questão de Petarca e Boccaccio.

Fronteiras

Mergin - Espaços de Fronteira e Conflito

Fly to Dublin in Air Lingus. A minha prima C., entre outros saberes é devota dos trevos de 4 folhas. Uma folha de trevo que apresenta quatro em vez dos normais três folíolos comuns na maioria das espécies do género *Trifolium* a que pertencem os trevos. Com origem nas antigas tradições dos povos celta, acredita-se que encontrar um trevo-de-quatro-folhas é um sinal de boa sorte, pelo que o trevo-de-quatro-folhas é usado em iconografia diversa e como imagem na linguagem corrente. Trevo vem de "*Trifolium*" ("três folhas") pelo que trevo de 4 folhas é um nome contraditório que expressa uma anomalia.

A simbologia do número quatro é muito forte em diversas culturas por indicar um ciclo perfeito: as fases da lua, as estações do ano, os elementos da natureza e os pontos cardeais. Entre os Celtas, os druidas difundiram a lenda de que o trevo de quatro folhas deve ser dado de presente e atribui quatro poderes para a vida do que recebe: esperança, amor, fé e sorte. Quem recebe um trevo de 4 folhas deverá distribuir pelo menos para três outras pessoas.

Nada melhor que uma simbologia para iniciar o tema da resolução dos conflitos na museologia. A conflitualidade é uma questão complexa e multidimensional. Em linhas gerais o conflito expressa a tensão entre interesses divergentes. Há portanto

uma origem no conflito, expressa por esta divergência, cuja resolução implica um esforço, de cada uma das partes de se aproximar da outras ou outras partes. Olhar o outro como forma de compreender o outro, procurando uma solução que satisfaça as partes.

No caso africano a origem dos conflitos surge geralmente associada às questões da pobreza. É uma ligação que levou nos anos noventa, por mão do seu secretário Butros Butros Ghali, a um debate nas Nações Unidas para a construção duma Agenda para a Paz. A Agenda para a Paz continua, na maioria dos processos uma agenda de Ajuda ao Desenvolvimento. Em 2000 com a Presidência de Kofi Annan a definição dos Objectivos do Milénio pelas Nações Unidas a questão da associação da pobreza e a persistência dos conflitos em África tem emergido como uma questão relevante que mostra que os fenómenos da globalização tenderão revelar a fragilidade da organização política dos modernos estados africanos, levando a um acentuar das disputas pelo domínio dos recursos naturais e das rotas de comércio.

Nesse debate surge a questão sobre a *"responsabilidade de proteger"*. Este conceito levará, grosso modo, a uma alteração na política internacional, permitindo ultrapassar o princípio da não-ingerência nos assuntos internos dos estados, que vigorava desde o tratado de Vestefália (1648), por uma posição que legitima a intervenção da comunidade internacional mais activa (Xavier, 2011).

Se os princípios da não-ingerência e do respeito pelas fronteiras reconhecidas, marcará a Conferência de

Berlim que no final do século XIX efetua a partilha de África, os tratados de Paz europeus em Versalhes (onde as colónias alemãs são redistribuídas a título de indemnização de guerra), e que em última análise conduzirá à criação dos Estados Africanos independentes, fazendo coincidir as suas fronteiras com os dos antigos territórios colonias; a responsabilidade de proteger constitui uma alteração fundamental da noção de soberania nacional.

O documento da ONU, *"Responsabilidade de Proteger"* assinado pelos chefes de Estado e de Governo em 2005, vai permitir uma ação da comunidade internacional, sob égide do Conselho de Segurança da Nações Unidas, para garantir a proteção da população contra os crimes e genocídios. Para além das diversas críticas que o documento tem levantado, é também certo que ele levou a um crescente envolvimento dos diversos países do mundo na ligação das questões do desenvolvimento e da pobreza ao estabelecimento das condições de segurança e na resolução de conflitos. Uma questão amplamente discutida na cimeira Europa-Africa realizada em Lisboa em 2007, em cujos compromissos fica evidente não só essa ligação, como o reforço da integração dos diferentes problemas.

Ora, no âmbito da arquitetura de Paz e Segurança em África, a problemática dos chamados Estados Frágeis assume particular relevância. Um "Estado Frágil" ou em situação de fragilidade (Ogimba, 2009) pode-se caracterizar como um estado onde se verifica uma fragilidade do poder político. Essa fragilidade do poder

Heranças Globais Memórias Locais

político leva à ineficácia e ineficiência das suas organizações, a emergência ou reforço dos diferentes poderes na sociedade. A questão da incapacidade de governança das instituições políticas e a presença dos diferentes poderes é apontada um fator de favorecimento da corrupção dos actores político e dos conflitos interétnicos. Uma relação que é muito estreita.

O envolvimento da União Africana na formação da arquitetura de paz e segurança criada tem acentuado a importância de se implementar sistemas de governação democráticos ao serviço do desenvolvimento humano. Um processo no qual é fundamental contar com a identificação dos "Estados Regionais Âncora" (Gaspar, 2009) com capacidade de intervir e estabilizar a sua região de influência.

A questão dos Estados Frágeis torna-se também, a partir dos acontecimentos do 11 de setembro nos Estados Unidos, um fator de preocupação da comunidade internacional. A situação de fragilidade das instituições, da corrupção dos actores é um terreno favorável à implantação de organizações de terror, de tráfico de produtos ilícitos (estupefacientes, armas, e carne humana). Um elemento que evidencia a importância da ajuda internacional ao desenvolvimento na sua ligação aos problemas da segurança.

Regressando ao caso Africano, a questão da Agenda para a Paz levou, no início da década de noventa a diversas iniciativas de paz de conduziram a diferentes processos de Paz. Caso do Congo, da Libéria, da

Serra Leoa, do Burundi, da Costa do Marfim, no Sudão/Darfur, no Mali, em Angola e Moçambique.

Um documento interessante, desenvolvido com a iniciativa de Tony Blair a partir de 2004, que marcará as relações Europa África, e o Documento "Our Common Interest" publicado em 2005 pela comissão europeia (<http://www.commissionforafrica.info/2005-report>).

O tema do "Nosso Interesse Comum", o Relatório da Comissão para África afirma que "a pobreza de África e a sua estagnação são as maiores tragédias dos nossos tempos". Que África - a nível de país, região e continente está a criar pilares mais fortes para resolver os seus problemas.

Em 2010 o relatório será atualizado (<http://www.commissionforafrica.info/2010-report>), considerando os diferentes percursos a alcançar os Objetivos do Milénio. Uma das questões que mais preocupações tem levantado é a análise do impacto da Crise Económica Mundial na Ajuda ao Desenvolvimento. Entre esta mercê particular relevância a crise europeia que produziu uma substancial diminuição da ajuda ao Desenvolvimento por parte dos países europeus. Há uma preocupação de que essa diminuição venha a afetar a possibilidade de atingir, em 2015, um grau mais elevado dos ODM. A diminuição dos gastos atingirá em primeiro lugar os gastos sociais com educação, saúde e serviços sociais. Há um receio de que a pobreza e as suas vítimas sejam fatores de agravamento dos conflitos em África

Por outro lado, ao contrário da crise europeia, verificamos que a cooperação

sul-sul Ségur a bom ritmos. O alargamento do G8 para os G 20, que integra países como a África do Sul, o Brasil e a Índia, favoreça a integração económica em África permitindo que alguns estados chave emergiam como catalisadores do desenvolvimento regional.

Limavalley

Amanhece. No hotel de Limavalley vê-se ao longe uma enseada. Sente-se o ar do mar e uns enormes corvo negros grasnam. Viajei de autocarro de Dublin para Belfast. Uma viagem de duas horas por uma planície verdejante. A certa altura começamos a subir uma montanha. A passagem para a Irlanda do Norte é apenas perceptível por sinais exteriores. À beira da estrada cruces brancas sinalizam mortes por tiroteios. A bandeira inglesa torna-se uma presença mais assídua. É difícil perder a memória da insurreição de 1980. Trinta anos depois. Sinais do conflito no território

Depois, já noite dentro, de Belfast para Dungiven. Adolescentes num domingo à noite. Sons com headphones. A conversa foi substituída pela máquina. Os sons tornam-se previsíveis. Em Dungiven espero 10' por um táxi. Rápido, por atalhos cercados de muros baixos até Limavally e daí para Drumond Hotel. Cheguei por volta das 10:30 Uma vista de olhos pelo ambiente. Uma cidra no bar e deito-me. Tenho que acordar cedo para preparar a intervenção.

Mozambique peace process

O processo de discussão no grupo. A questão do colonialismo em espaços pós-coloniais. Conviver com o

colonialismo em espaços pós-coloniais.

Questões. Os nomes das terras em que língua se apresentam. Há uma importância na análise da cartografia antiga para analisar a evolução dos nomes dos lugares. Há nomes de terras que são partes do seu passado. A exposição que está no adro do Centro Cultural de Limavally afirma isso

Sáimos para Donluce. O objetivo é colocar a arqueologia ao serviço da comunidade, ao serviço dos residentes. O grande desafio foi levar a arqueologia para a comunidade, como instrumento de educação patrimonial para a resolução de conflitos.

A história tem sido sobretudo a história das guerras. Há que encontrar outras narrativas. O passado das comunidades tem que ser reconstruído com base em novas leituras desse passado. A ciência tem que ser participada.

Arqueologia Participativa

Dia de intensa viagem. Viajar por campos, visita ao castelo, visitar as escavações arqueológicas, regresso ao hotel exausto. Questão. O que fazer com territórios que partilham controvérsias.

A memória é controversa. O que fazemos com as memórias que incomodam. Não há uma neutralidade da memória. Qual é o papel do investigador numa comunidade. A queda do anjo : The fall of the angel. A questão do anjo caído. O conhecimento do bem e do mal.

Heranças Globais Memórias Locais

Atelier de Memórias

Dia do atelier de memórias com Hellen Perry. Contar as histórias de memórias através da recriação de bonecos. O desafio de fazer bonecos, dar vida aos bonecos. Relembrar como era e que características tinha. Relembrar o que e como como luto. Trabalhar os bonecos e colocar os bonecos em contexto. A importância de falar durante o processo. At cliath – go back to Dublin

Go on the river

Depois do atelier de memórias subir o rio com a comunidade. Observar quem participou, ouvir as vozes, escutar as músicas. Discutir o texto Encontros em Espaços de disputa

Nova museologia – Objeto - Território – Comunidade

Objeto como resultado de disputas, o território como espaço de disputa e a comunidade como processo de heranças em conflito. (Museologia – Memória Social e Poder)

Trabalhar com as comunidades em situações de conflito:

Questões:

- O que conservar e o que comunicar
- Como fazer a avaliação do trabalho com a comunidade.

Orientações:

- Explorar e desenvolver das capacidades práticas de avaliação do impacto do trabalho sobre as comunidades?
- Envolver a comunidade para favorecer o intercâmbio e facilitar a reflexão sobre o trabalho

- Pensar quem gera e como se gera a herança. Em todas as comunidades há um conflito entre as fontes e as vozes das comunidades
- Estudar caos. Olhar para os territórios, observar as tendências, partilhar experiência

Avaliar em extensão

Responder a 5 questões:

1. O que é avaliação?
2. Que desafios enfrentamos quando desenhamos um sistema de avaliação em museologia?
3. O que é que sabemos sobre museologia
4. Que tipo de questões ficam por responder
5. Como é que respondemos aos desafios. Que informação recolhemos, de quem e como?

Trabalho pratico. Construir um grupo para refletir sobre o que é a avaliação. Sumarizar os resultados.

Questão: Porquê avaliar?

Em que situações se usa a avaliação:

- Para construir um modelo
- Para decidir o que se fazer
- Para aprender com
- Para definir políticas de ação
- O desafio de avaliara em Espaços de Contestação. Como verificar o que acontece num sítio onde se verifica a existência dum impacto global.

Três ideias para a avaliação em Espaços de Contestação. São espaços específicos, a avaliação deve ser neutra e deve ser credível.

O que fazer com as memórias contestadas?

Qual é o trabalho dum especialista num museu? (esboço dum manual de boas práticas)

1. Transformar as praticas das heranças e patrimónios
2. Empoderar a comunidade
3. Como mediar e medir o trabalho efetuado
4. Aprender com os projetos
5. Usar a aprendizagem social como instrumentos
6. Tentar passar à prática

Transformar as práticas das heranças

Cidadão como especialista versus o líder como especialista (linha vertical)

Património como Fim versus património como formação social – para atingir relevância (linha horizontal)



O património como processo cultural

- É visível
- É reconhecido pelos poderes, valores e função
- Produz um dialogo aberto
- Desenvolve o olhar crítico sobre o contexto social e cria compromissos com a comunidade

- Permite uma aproximação holística

Usar o Social Learning - a aprendizagem em grupo como ferramenta- favorece o reconhecimento das memórias na comunidade

Sobre o conceito de comunidade e políticas de reconhecimento

O reconhecimento e o desconhecimento da herança cultural numa comunidade é um campo de disputa dos atores sociais. Cada grupo tem diferentes aspirações. Essas aspirações lutam no campo das heranças e concretizam-se em diferentes processos de mediação comunicativa. A herança e a memória está em permanente negociação nos diferentes campos, político, popular (comunitário) e académica. Cada um deles quer definir o que é a memória e o que é herança. Por essa razão, a política de memória é um campo de tensão, de legitimação, simbolização e de criação de estruturas.

Cada grupo tenta definir, negociar as memórias, os lugares, e as identidades das formas de expressão cultural. Uma das formas de legitimação dos discursos é enfatizar a proximidade ao povo e aos discursos científicos.

Essa busca da legitimação da tradicionalidade, como forma de modernidade, tende a privilegiar o consenso, a homogeneidade, que não só não existe no tecido social, como tende a ignorar as tensões existentes

Questões como a justiça social, o reconhecimento da diferença, os grupos minoritários, são assuntos que tendem a ser ignorados e mal identificados.

Heranças Globais Memórias Locais

Esta questão dificulta o entendimento das alternativas.

As políticas de reconhecimento são formas de ação no campo das heranças e memórias que tendem a envolver a participação da comunidade no estabelecimento das suas heranças e memórias, evitando os mal entendidos sobre o desaparecimento das vozes dissonantes na comunidade. Como forma de desenvolver esse reconhecimento defende-se o social learning.

O conceito de social learning (comunidades de prática) foi desenvolvido por Étienne Wenger, do Instituto Research of Learning, Suíça. Através da observação dos processos de aprendizagem dos alfaiates em África, verificou-se que a aprendizagem não ocorre na relação mestre aprendiz, mas entre os próprios aprendizes. Segundo Wenger a aprendizagem é um processo social que não pode ser separado do contexto social onde acontece. " Comunidades de prática são grupos de pessoas que compartilham uma preocupação ou uma paixão por algo que fazem e aprendem como fazê-lo melhor como eles interagem regularmente ". Atualmente a sua pesquisa orienta-se para a aprendizagem em contexto tecnológico. Defende que o aluno deve ter uma participação social na sua comunidade.

A comunidade de prática gera:

- Laços de relação (cria identidade)
- Partilha de reflexão (cria aptidões e conhecimento)
- Envolvimento mutuo (prática interação e compromisso)

A participação estimula a partilha de conhecimentos, legitima os processos de grupo e estrutura a organização

As comunidades de prática implica definir quem pertence ou não à comunidade, implica negociar de que forma se processa a interação.

Há muitos anos atrás podia-se afirmar a legitimidade do cientista, para escrever sobre as heranças. Hoje é importante entender que sem uma função social das heranças são redundantes.

As comunidades de prática são um modo de desenvolver a participação da comunidade em espaços de conflito.

Em conclusão. As comunidades de prática permitem criar

- Um ponto de partida
- Uma reflexão sobre as fontes
- Criar grupos focados nas tarefas
- Permitir uma aula estruturada
- Conduzir a reflexão
- Estimular o pensamento estratégico
- Produzir um retorno sobre os resultados

Deve-se procura estimular o processo de participação através da procura da Touch Stone (a pedra de toque) a validade do conceito.

A questão da participação pode ser vista como problemas em relação a

1. Como aumentar o poder na comunidade
2. Como construir a memória em situação de pós-conflito

A questão do conflito, por seu lado levanta a questão do seu uso (das tensões) para iniciar.

Os modelos de participação podem ser exteriores, convidar os outros a participar ou interiores, construir a partir da comunidade.

Stone words

Quais as Stone words ?

- A questão do respeito pela comunidade
- A questão da participação da comunidade
- Expertise ou capacidade
- Relevância das questões.

A proposta é descobrir como as palavras se soltam. Como as palavras, através da ação libertam. No final as histórias são narrativas são constituídas por palavras que formam sentidos. Os sentidos são construídos pelas pessoas em contexto.

Qual a relevância da arqueologia na sociedade no mundo contemporâneo. Como a arqueologia pode ajudar na resolução de conflitos.

O conflito é uma questão recorrente nas comunidades e tem diferentes níveis. Há escalas diferenciadas de conflitos, resultantes das dinâmicas sociais. A escala do conflito está ancorada na herança. A herança faz parte da dinâmica social.

Na resolução de conflitos é necessário criar estruturas que separem e esclareça os processos de eclosão e de escalada dos conflitos.

No caso da Irlanda, as plantações. A história das plantações no século XVI, que origem à movimentação de colonos, deu origem a uma reconstrução das paisagens. Deu origem à construção de mitos Wilderness Myth. A questão do Mito do Bom Selvagem, (ver a questão dos Parques Naturais americanos cuja construção colido com os nativos). Na Irlanda do Norte, a arqueologia permite entender que não há uma vaga de ocupação, que até determinada altura à uma convivência entre diferentes comunidades.

O trabalho com as comunidades permite ultrapassar a narrativa nacionalista e permite a emergência de outras narrativas, que ultrapassam a questão em conflito.

A prática das heranças em espaços de contestação. A arqueologia não é um espaço neutro. No entanto, pela densidade do tempo, pelo afastamento das linhagens, através da arqueologia podem ser reconstruídos espaços de dialogo e emergirem outras narrativas.

Merging - fronteiras

Proposta: pensar durante 2' em algo de relevante que aconteceu nos dois dias anteriores. Escrever o que se sentiu.

Passear pelo mercado, olhar o Bairro problemático, visitar o parque natural, olhar as horta. Verificar que há uma forte presença dos militares. A polícia vive enclausurada. Sinais da violência. Regresso da Limavalley. Tira fotografias, uma no percurso oura sobre Maria Caughy que trabalha com jovens com problemas de "home rule".

A questão das memórias vazia. Empty memories. Memórias que não pertencem a nenhum lugar e a nenhum tempo. Os jovens têm memórias vazias.

A questão do conflito e da memória. Criar uma nova memória é uma forma de reinventar o passado. As memórias são inv

entadas.

Olhar para a espiral do tempo. Procurar novos patamares de equilíbrio. O conflito eclode com as tensões acumuladas.

Da arqueologia participativa à quinta de cultura (cultural farm)

O trabalho na museologia implica dedicação à comunidade e paixão pelo trabalho.~

Heranças Globais Memórias Locais

Objetivos do projeto My colorane. (por Hellen)

- Renegociar as memórias,
- Partilhar espaços na comunidade
- Tornar o património acessível
- Criar um espaço público mais seguro

Modelo de Participação

O uso do termo de participação pode ser usado em diferentes contextos. Na mediação, nos corpos de participação, na comunidades de aprendizagem e nos movimentos sociais e participativos.

A comunidade, como comunidade imaginada é uma estrutura de poder,

com processos de legitimação e símbolos. Como se ligam as comunidades de heranças nos museus. Como é que se cria uma tecnologia social participativa. Uma Smart Social Museology

